

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Renata Baboni**

**Escutas de histórias de amor**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**São Paulo**

**2021**



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Renata Baboni**

**Escutas de histórias de amor**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Suely Belinha Rolnik.

**São Paulo**

**2021**

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -  
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Baboni, Renata  
Escutas de histórias de amor. / Renata Baboni. -  
São Paulo: [s.n.], 2021.  
129p. il. ; 21x29 cm.

Orientadora: Suely Belinha Rolnik.  
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Psicologia: Psicologia Clínica.

1. Escuta. 2. Histórias de amor. 3. Amor. I.  
Rolnik, Suely Belinha. II. Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós  
Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica. III.  
Título.

CDD

**Renata Baboni**

**Escutas de histórias de amor**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Suely Belinha Rolnik.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Suely Belinha Rolnik (orientadora)  
Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

---

Prof. Dr. João Perci Schiavon  
Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

---

Profa. Dra. Vera Lúcia Ferreira Mendes  
Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

---

Profa. Dra. Rosane Preciosa Sequeira  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

---

Profa. Dra. Cristiane Mesquita  
Universidade Anhembi Morumbi

Aos meus amores:

Mamá e Heitor,

Minha mãe, Zilda

Minha Vó Zora

Fernanda Mello

Marcelo Pelosi

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – 88887.160684/2017-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – 88887.160684/2017-00.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Zilda, que me ensina a viver o amor na grandeza dos detalhes.

Às crianças, Mamá e Heitor, amada e amado, e às tantas outras que me acompanham, por me mostrarem novas maneiras de amar e de renascer no amor.

À minha Vó Zora, pela força e amorosidade, que alimenta e protege a minha e a nossa luta, sempre.

À Fernanda Mello, pelo sagrado da vida.

Ao Marcelo Pelosi, meu querido Pico, amor de uma e outras vidas, tão raro quanto os nossos encontros, que ainda continuam acontecendo.

À Ana Godoy, pela preciosa companhia e por afirmar a vida e essa gira amorosa junto, a cada interrupção e a cada renascimento: meu, desta tese e muito além dessa coisa toda.

Ao meu pai, Dante, ao meu irmão, Jú, e a toda a minha família, dos mais próximos aos mais distantes, que me ensinam a amar as diferenças e persistir na escuta atenta do outro.

À Renata Cury, pela dedicação amorosa à sutil escuta da vida.

À Ana Carolina Perrella, pela parceria, tão amorosa quanto aquele abraço que levou força quando não se podia mais abraçar. É tempo de agradecer e abraçar, de novo. A você, o meu abraço amoroso.

Ao Luiz Fuganti, pela escuta generosa e afirmativa da vida. E pela alegria dos nossos encontros.

À Karina Acosta, pelas tantas coisas amorosas, entre fios de ouro no abismo, que continuamos tecendo juntas.

À Paula Cobo, pela magia do encontro entre sotaques, que produz distâncias menores.

À Lú Arbelli, pelas composições tão carinhosas. Então, “vamos celebrar, o amor há de renascer das cinzas!”.

Ao Renan Dias, pela companhia cuidadosa nessa intensa travessia.

Ao Francisco Trento, por dar passagem, junto, às coisas menores.

Ao Rogério Felipe, pela sutileza poética entre coisas e causos.

À Júlia e à Casa Líquida, pela composição generosa e acolhedora.

À Casa Escuta, a casa que inventei, amorosamente, quando perdi outras casas.

A todes que participaram desta experimentação, às tantas mulheres vivas em mim e às Renatas que atravessam esta tese, pela companhia e amorosidade na escuta da vida que, às vezes, nos escapa.

Às histórias de amor, aos seus encontros e desencontros, e à vida, que ainda insiste em acontecer no amor. Aos amores interrompidos pela pandemia e além dela.

A todes que contribuíram de alguma maneira com esse processo amoroso de escuta da vida.

Aos amigos que atravessaram o meu caminho e acompanharam esta minha saga amorosa:  
Júlia, Cafira, Cláudia, Aline, Juliane, Fanny, José, Lorena, Karen, Jéssica, Luciane,  
Guilherme, Andreza, Amanda, Maria Cláudia, Carol, Letícia, Lilian, Sandra, Isadora.

À minha orientadora, Suely Rolnik, pelos ensinamentos.

Ao Peter Pál Pelbart, pela sensibilidade, e ao João Perci Schiavon, pelos  
acompanhamentos.

Aos bons e aos maus encontros, uma gira de amor!

Às tantas composições amorosas que me acompanham, neste mundo e além, nesta e em  
outras giras. Asé

## RESUMO

BABONI, Renata. **Escutas de histórias de amor**. 2021. 131p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

A tese faz passar coisas amorosas entre histórias de amor, crianças, interrupções, cacarecos, escritas, morte, vida, entre outras tantas, por meio da composição e conexão entre as singularidades das histórias de amor escutadas durante o projeto *Escutas de histórias de amor*. A cada história, apresento uma Renata diferente, que vai se desdobrando e fortalecendo uma metamorfose ao longo da tese. Aqui, o desejo de contar sobre uma interrupção amorosa encontrou o desejo de escutá-la amorosamente, de modo a tornar possível uma escuta de como um tipo de interrupção nas histórias amorosas se confunde com outras e despotencializa a vida. A escuta das interrupções presentes em cada história de amor contada foi sendo experimentada nas suas variações, até mesmo como articulação analítica, convocando também seus vestígios (ou cacarecos amorosos) à escuta e à experimentação criadora e afirmativa da vida. Tais escutas amorosas perfazem uma e várias escutas da vida que pede passagem.

**Palavras-chave:** Escuta. Histórias de amor. Amor.

## ABSTRACT

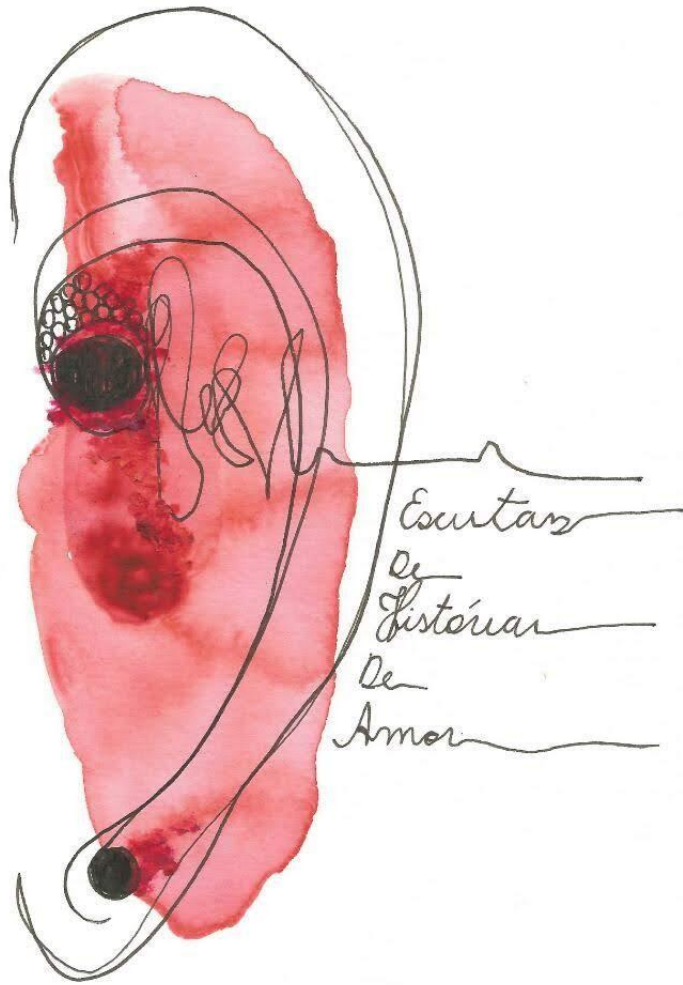
BABONI, Renata. **Listening to love stories.** 2021. 131p. Thesis (Ph.D. in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

The thesis expresses love things, like love histories, children, interruptions, rubbish, writings, death, life, and so many others. It works through the composition, and the connection between the singularities that emerge in the love histories listened to during the project “Escutas de Histórias de Amor.” In each story, I present a different Renata, which unfolds herself and strengthens a process of metamorphosis during the thesis. Here, the desire to tell a story about the interruption of love met the desire to listen to it lovingly by making it possible to develop listening as a kind of interruption in the loving history, which confounds itself with other stories disempowers life. The listening to the interruptions present in each loving story was experienced in their variations, even as an analytic articulation, summoning its love vestiges (or cacarecos amorosos) to the listening and the creative experimentation that affirms life. These love histories make up one and many stories of the life that wants to thrive.

**Keywords:** Listening. Love stories. Love.

## SUMÁRIO

<b>1 PODE UMA TESE SER UMA CARTA DE AMOR?</b> .....	11
Escutas de histórias de amor .....	13
Breve interrupção.....	14
Rituais amorosos .....	16
Falas de amor: a começar pelo fim .....	18
<i>Inventando as escutas</i> .....	20
<i>Do flerte aos encontros</i> .....	21
<i>Como as escutas foram realizadas?</i> .....	23
<b>2 DAS PEQUENAS-GRANDES COISAS AMOROSAS DE RENATA</b> .....	27
Quem cuida de quem? .....	28
Cadernos de experimentações com coisas amorosas.....	32
<b>3 CACARECOS AMOROSOS</b> .....	71
<b>4 A HISTÓRIA DE UMA OUTRA RENATA: A MENINA DO RIO</b> .....	76
Onde o rio faz a curva .....	79
O amor está sempre transbordando .....	80
<i>Cuidado com o outro</i> .....	84
<i>Um pouco mais perto do fim</i> .....	91
<i>A escrita da escrita</i> .....	93
<i>Ponto final?</i> .....	97
<b>5 NO MEIO DO CAMINHO: UMA OUTRA HISTÓRIA DE RENATA</b> .....	101
Dançando com a morte.....	103
Como uma pedra .....	109
Como se fosse a primeira vez .....	111
<i>17.05.2019: Aquilo que retorna</i> .....	113
<i>Aquilo que retorna, agora diferente</i> .....	120
<b>6 ENTRE FINAIS E RECOMEÇOS</b> .....	123
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	127



Escutas  
De  
História  
De  
Amor

## 1 PODE UMA TESE SER UMA CARTA DE AMOR?

Certa manhã, devo escrever urgentemente uma carta “importante” - da qual depende o sucesso de certo empreendimento; em vez disso escrevo uma carta de amor - que não envio. Abandono alegremente tarefas desinteressantes, escrúpulos razoáveis, condutas reativas, impostas pelo mundo, em benefício de uma tarefa inútil, vinda de um Dever remarcável: o Dever amoroso. Faço discretamente coisas loucas; sou a única testemunha da minha loucura. O que o amor descobre em mim, é a energia. Tudo que faço tem um sentido (posso então viver, sem me queixar), mas esse sentido é uma finalidade inatingível: é somente o sentido da minha força. As inflexões dolentes, culpadas, tristes, todo o relativo da minha vida cotidiana é revirado.

(Roland Barthes)

Durante a produção desta tese, houve um momento em que precisei fazer um desvio, tanto em relação à escuta de uma experiência de morte quanto ao tema a ser trabalhado aqui, em face das interrupções e das urgências que atravessaram a minha experiência amorosa.

Desbravar desencontros, perdas, lutos, despedidas, doenças, sintomáticas... eis um processo que só pôde ser feito com e por meio de uma escuta cuidadosa e dedicada, primeiro comigo mesma.

Desenvolver uma atitude amorosa, um ato de amor à vida ou de criação de uma nova vida, remetia a poder viver o novo, nascer de novo, mesmo diante de mortes e interrupções. E essa foi a prática de escuta que me dediquei a fazer durante todo o processo de escrita da vida como uma tese ou da tese como um ato de amor à vida, que ainda pulsa. A continuidade destas escutas e a existência desta tese, portanto, só foram possíveis tendo o amor ou uma força amorosa como aliada.

Quando praticada, essa escuta também foi se abrindo, aos poucos, para uma experimentação com os outros, que se desdobrou na criação de um projeto de escutas de histórias de amor, divulgado nas redes sociais, que aconteceu durante um semestre, em São Paulo, com escutas presenciais e on-line.

Nessas escutas das histórias de amor, a temática das interrupções, inerentes às histórias contadas, também foi central e comum a todas elas. Aos poucos, fui notando que era isso que precisava e desejava ser falado e escutado, na minha

história e nas que participaram do projeto, nas suas mais distintas intensidades e singularidades.

Falar sobre amor é sempre muito arriscado, ainda mais quando se trata da nossa própria experiência amorosa. Talvez seja o tema mais contado, cantado, repetido e popularizado. Ao amor, destinam-se muitos clichês, imagens, representações, e também muitos palpites, conselhos, rituais, mandingas e simpatias.

Muitas são também as tentativas de defini-lo, cotidianamente, pelos mais distintos campos discursivos; porém, há algo inerente ao amor que sempre escapa às definições, aos conceitos, às imagens e às idealizações.

Esta tese versa menos sobre a busca de definições para o amor, sua conceituação, e mais sobre experimentações e encontros inesperados, sobre aventurar-se nas intensidades afetivas que atravessam os encontros e desencontros amorosos.

É uma tese de escuta da vida que, por circunstância, só podia ter como tema central o amor. É uma tese da relação amorosa entre a vida e a morte, é também uma espécie de carta de amor, que não vai ser entregue a um destinatário, mas, em alguma medida, vai ser afirmada e enviada na força, na presença incorporal, na intuição, na escuta e no ato amoroso. Uma tese como uma carta de amor à vida: tanto à vida que se vai quanto a que fica, porque elas continuam acontecendo.

## Escutas de histórias de amor

Eu não estou interessado em nenhuma teoria  
 Nem nessas coisas do oriente, romances astrais  
 A minha alucinação é suportar o dia a dia  
 E meu delírio é a experiência com coisas reais

Amar e mudar as coisas  
 Amar e mudar as coisas me interessa mais  
 Amar e mudar as coisas  
 Amar e mudar as coisas me interessa mais

(Belchior, *Alucinação*)

Era só disparar, em distintos contextos e para diferentes públicos, que estava realizando um projeto de escutas de histórias de amor, que me via invadida por uma série de reações eufóricas. Muitas vezes, sentia como nos encontros amorosos: alguns pareciam dar uma pequena piscadela e saíam de mansinho, como se nada tivesse acontecido; outros chegavam dispostos a realizar apenas um encontro sem se envolverem muito – como aqueles amores que nem notícias deixam no dia seguinte; outros, ainda, embarcavam um pouco mais nos encontros, mas, quando pareciam estar criando certa abertura, escapavam. Em outras palavras: cada participante foi escutado na sua singularidade, bem como a história que desejou contar e como se implicou (ou não) nesse processo.

Alguns realmente participaram do projeto até o final, outros não. Alguns só manifestaram o forte desejo de participar e não mais tocaram no assunto, outros participaram de um único encontro, disseram o que desejavam, e isso bastou naquele momento e naquelas condições relacionais. Essas pequenas interrupções ajudaram a compreender, ainda mais, na sua inteireza, essa coisa que vem junto (interrupções, perdas, impermanências) quando se fala de amor, quando se afeta e é afetado pelo amor. E quando se fala de começos e términos amorosos.

No entanto, ao falar a palavra quase mágica ‘amor’, ou realizar um convite de participação gratuita intitulado “Escutas de histórias de amor”, o efeito sobre os ânimos de quem recebia o convite foi, na maior parte dos casos, imediato. Como se algo precisasse tanto ser expresso que, mesmo não participando de fato do projeto, suas gesticulações e olhares atentos, envolvidos na fala entusiasmada, se apresentavam de alguma maneira e no imediato do encontro. Nesses breves momentos, escutava

nas falas e nuances corpóreas, em cada tentativa singular de envolvimento com o assunto, a manifestação de um pequeno gracejo. E esse desejo amoroso de dizer (com ou sem palavras), de alguma maneira, encontrou escuta.

Ao longo do projeto, com cada pessoa e em cada história, escutei uma música. As músicas embalaram as histórias de amor e me ajudaram a compor a tese. E para cada participante ou história de amor, também dediquei uma música, escolhida por ter alguma conexão com a história ou até mesmo por ser a música que ressoava algo potente naquele momento, seja sobre o nosso encontro ou sobre os que foram contados.

O amor é um tema que nos provoca e nos convoca de distintas maneiras, das mais às menos romantizadas. Esse comum que nos une potencializou encontros com diferentes afetos e tipos de interrupções durante essa prática de escuta. Cada pessoa, inclusive eu, se envolveu como pôde, como em uma relação amorosa, e trouxe a bagagem que tinha, segundo as próprias condições: umas se aventuraram mais, outras menos, mas todas deixaram seus vestígios amorosos.

E porque falar de amor é falar da vida, e falar da vida é falar da morte, a tese é atravessada por muitas alegrias e tristezas, encontros e desencontros, começos e despedidas, e por potentes composições amorosas entre morte e vida.

### **Breve interrupção**

Todos os dias é um vai e vem  
 A vida se repete na estação  
 Tem gente que chega pra ficar  
 Tem gente que vai pra nunca mais  
 Tem gente que vem e quer voltar  
 Tem gente que vai e quer ficar  
 Tem gente que veio só olhar  
 Tem gente a sorrir e a chorar  
 E assim chegar e partir  
 São só dois lados da mesma viagem  
 [...]  
 É a vida desse meu lugar  
 É a vida

(Milton Nascimento, *Encontros e Despedidas*)

A interrupção está sempre presente, mesmo quando parece estar ausente. É como uma frase que não termina, uma palavra perdida, uma escrita truncada, um sintoma que atravessa o corpo, uma elaboração mal resolvida ou um lapso que se faz pronunciar, mas que não se comunica com o esperado: engasga, falha, fadiga.

Nessa perspectiva, a interrupção traz o encontro com o inesperado, inerente à própria vida e às histórias de amor. Vista por outra face, a força de certa interrupção poderia, inclusive, ter sido mais soberana do que esta tese, atravessando a sua existência e interrompendo o desejo dessa coisa toda se transformar em experimentação criadora. Em outras palavras, que hoje já me ocorrem, esta produção, com seus muitos atravessamentos e interrupções, poderia não ter existido; mas foram sensivelmente o quase, a quebra, o engasgo e as diferentes interrupções que, ao gritarem e se intensificarem em mim, despertaram o desejo de me haver com elas, falar delas, exalá-las, silenciá-las, fazer piada, chorá-las, saturá-las, movimentá-las.

Essa força da interrupção, que se mostra nas histórias de amor, nas suas singularidades, além de um articulador comum de todas as histórias relatadas neste trabalho, foi o tema orientador da tese – porque esteve sempre presente, como uma daquelas tantas coisas que saltam, pulsam, vibram e que também se encontram para tecer as narrativas e a própria tese.

Durante a realização do projeto “Escutas de histórias de amor”, todas as histórias contadas trouxeram suas interrupções. Em rigor, as histórias de amor enunciadas, ou escolhidas para serem apresentadas pelas participantes, podem ser lidas aqui também como histórias de amor interrompidas, mesmo que não fossem histórias de relacionamentos atuais. E, a partir deste desejo de falar sobre o que ficou desencontrado nas experiências amorosas interrompidas, é que estas escutas foram se fortalecendo e se afirmando.

Nessas histórias, o termo interrupção traz à cena a finitude das vidas, as fragilidades e feridas expostas em carne viva, as sutilezas dos pequenos desencontros, das perdas, das mudanças de percursos, dos términos de relacionamentos.

Em resumo, foi a interrupção de uma história de amor ou o encontro com uma morte inesperada que me possibilitou inaugurar estas experimentações, ou um primeiro ato de escuta comigo mesma, e aos poucos ir me abrindo para novos encontros e escutas de outras experiências amorosas.

A morte, ou um tipo de interrupção vivida, foi a triste circunstância que marcou a abertura para a experimentação de uma escuta da vida e para novas escutas e encontros com outras tantas interrupções que surgiram pelo caminho. E a passagem para esse segundo ato de escuta aconteceu junto com esta mudança na perspectiva da minha própria história e da minha escuta analítica; ela fez girar também a minha posição nas escutas, e comecei a acompanhar outras histórias de amor.

Se, a princípio, me via aprisionada em um modo ressentido de me compor com as mortes traumáticas, aos poucos fui ampliando a minha escuta e visão sobre aquele estado de morte que me via envolvida, de modo a produzir outros encontros com as mortes, as escutas, os amores, as interrupções e com essa coisa toda que chamamos vida – não sem tropeços, sintomas e repetições. Algo em mim também reivindicava a produção de um novo encontro amoroso com a vida. E foi assim que uma história de amor foi se abrindo ao encontro de novas histórias de amor, tanto comigo mesma quanto com os outros.

Segui e continuo tentando me conectar ao curso vital onde algo morre e nasce, começa e termina, concomitantemente e diferencialmente, nas entradas e saídas, nas chegadas e partidas, no vai e vem dos encontros e despedidas, e na vida desse meu lugar. É a vida...

### **Rituais amorosos**

Pra que sonhar  
A vida é tão desconhecida e mágica  
Que dorme às vezes do teu lado  
Calada

Tantas histórias de um grande amor perdido  
Terras perdidas, precipícios  
Faz sacrifícios, imola mil virgens  
Uma por uma, milhares de dias

Ao mesmo Deus que ensina a prazo  
Ao mais esperto e ao mais otário  
Que o amor na prática é sempre ao contrário  
O amor na prática é sempre ao contrário

Ah, pra que chorar  
A vida é bela e cruel, despida  
Tão desprevenida e exata  
Que um dia acaba

(Cazuza, *Ritual*)

Quando me perguntam o que estudo no doutorado e eu respondo “escutas de histórias de amor”, acontece, de modo geral, uma reação imediata muito frequente: “*que lindo*”, “*que bonito*”, “*uau, que legal*”, “*deve ser maravilhoso*”, “*nossa, quero participar*”. Acredito que essas frases sustentem a afirmação de que o amor não só é um tema comum a todos, mas também convoca os afetos e provoca alguma expectativa.

Observei, na continuidade dessas conversas, que esse tema incitou, na maior parte dos casos, a espera de algo relacionado a histórias bonitas, finais felizes e/ou casais apaixonados. Mas a vida – das tantas histórias amorosas e deste trabalho – conta outra história. E é sobre essa coisa toda não esperada, não convocada, não desejada, não dita, da qual muitos fogem, não querem nem saber, não dão conta, que este trabalho se empenha em falar e escutar, também de maneiras inesperadas. É sobre essa coisa que se encontra ali, no campo dos afetos, que pulsa, grita, transborda, se manifesta. Aqui, ela é escutada amorosamente, e foi também um critério de participação encontrado em quem procurou experimentar estas escutas: falar de interrupções presentes em suas experiências amorosas.

Quando anunciei nas mídias sociais que estava realizando o projeto “Escutas de histórias de amor”, as histórias que os participantes do projeto escolheram contar tinham algo em comum; eram histórias de mortes ou término, ou seja, sofrimentos que envolviam perdas e desencontros que precisavam ser falados e expressos de outras maneiras. Muitas dessas histórias foram contadas pela primeira vez; possuíam um componente de segredo, uma espécie de nó entalado na garganta que desejava ser desfeito. Nesse processo, acompanhei diversas histórias e, com cada uma, fui criando um fazer singular.

Também tive propostas de escutas com casais, mas estes manifestaram o interesse imediato em participar e não mais me procuraram; outras pessoas também procuraram e interromperam no meio do caminho, sem nem mesmo começar o primeiro encontro, alguns fizeram apenas a apresentação, jogaram o seu desejo em cena e se retiraram na sequência. De alguma maneira, esse desejo amoroso, acompanhado das interrupções, foi escutado como pôde. Algumas passagens traduzem muito bem a força dessa temática, dos desejos envolvidos e de suas interrupções, que se mostram de distintas maneiras, como neste breve encontro: “*Rê, como está o doutorado? Sabe aquela história que eu iria te contar? Então, não vai ter*

*como contar mais, porque ela não existe mais. Na verdade, a gente terminou*". Mesmo que a pessoa não tenha participado das experimentações, como neste caso, apresentou a sua interrupção, ainda que brevemente, até como justificativa para não participar das escutas.

Nesse tempo juntos, eu e minhas histórias, o outro e suas histórias, fizemos inúmeras experimentações, criamos modos singulares de se narrar e de escutar a própria história de amor e de se conectar com outras criações. Elaboramos coisas, movimentamos e potencializamos afetos, junto com elementos muito presentes naquelas histórias, convocamos outros amores, possíveis e impossíveis, visíveis e não visíveis.

Esta tese acompanha as movimentações afetivas nas histórias amorosas, sendo que, nessas experimentações, isso envolve lidar com as interrupções, com isso que escapa, com destinos inesperados para os encontros, os projetos, o que estaria por vir. E também com o que acontece quando se interrompe uma fala de amor.

Às falas interrompidas, portanto, um pouco mais de escuta.

### **Falas de amor: a começar pelo fim**

CONTINGÊNCIAS. Mínimos acontecimentos, incidentes, entraves, bagatelas, mesquinhas, futilidades, rugas da existência amorosa; todo miolo fatural de um acontecimento que vem dificultar a ambição de felicidade do sujeito apaixonado, como se o acaso intrigasse contra ele.

(Roland Barthes)

Interrupções de desejos, de projetos, de permanências e continuidades nos relacionamentos. Interrupções de relações ou interrupções de algo nas relações? Interrupções desejando ficar. Interrupções desejando sair. Interrupções de uma coisa, mas querendo interromper outras. Interrupções de outra coisa que ainda não se sabe. Interrupções que eram para ser continuações. Interrupções que impediam de escutar novos encontros, interrupções que soavam como desencontro, mas que potencializaram novos encontros.

Seja a interrupção de quem vai ou a de quem fica, a de quem escuta ou a de quem fala, a importância aqui está nos usos afetivos que delas fazemos. Mesmo

diante de interrupções com as quais não encontramos meios para nos compor, como nas mortes trágicas, ainda assim há escolhas. E criar possibilidades para lidar com elas também é uma escolha.

O que precisa ser interrompido? Como se movimenta uma força amorosa e alegre nas relações, mesmo diante de uma interrupção inesperada? E quando uma interrupção começa a se alastrar por toda a vida? Foi o que nos dedicamos a escutar em cada história de amor contada. Mas também escutamos interrupções ainda mais inesperadas, que emergiram a partir dos encontros, interrupções que se produziram ali, nas escutas, e interrupções que foram criadas e acionadas como modos de intervenção e experimentação de escuta naquelas histórias e naqueles encontros.

Se, o comum em todas as histórias de amor trabalhadas eram as interrupções, essa experimentação de escuta pôde também ser uma aliada em um processo de abertura para outros modos de pensar, de falar e de se afetar nas histórias amorosas, considerando as próprias interrupções e suas variações.

Há interrupções de muitos tipos nesta tese, portanto, a cada momento, são descritas de modo singular. Durante o projeto, elas também foram experimentadas de diferentes maneiras, ora pelas participantes, ora por mim.

Assim, vamos acompanhar como as interrupções atravessam as histórias de amor. Algumas, aqui apresentadas, estão mais próximas do que foi contado e trabalhado nas experimentações, outras emergem a partir do que salta dos nossos encontros e de outras escutas para além daquele momento.

As interrupções também se tornam impulsionadores, ocasiões para movimentar o desejo de escutar a própria experiência amorosa, isso que faz mover e que busca encontrar onde se parou naquela história, onde emperrou, onde não deu mais liga, não rolou mais; onde se esticou demais que arrebentou, onde se afrouxou tanto que bambeou, a fim de reavaliar os percursos, movimentar os afetos e seguir a vida.

Aqui interessa acompanhar as interrupções enquanto se movem: onde naquela história se conecta e se mistura com tais interrupções e onde se convoca novas interrupções também para liberar fluxos<sup>1</sup>, movimentar novos encontros, potencializar uma escuta da vida. É isso que atravessa as histórias de amor, que se repete, mas

---

<sup>1</sup> “O processo é aquilo a que chamamos o fluxo. Ora, ainda aí, o fluxo era uma noção de que precisávamos como noção qualquer não qualificada. Isso pode ser um fluxo de palavras, de idéias, de merda, de dinheiro, pode ser um mecanismo financeiro ou uma máquina esquizofrênica: isso supera todas a dualidades” (DELEUZE, 2006, p. 280).

que também instiga a produção de outra coisa, que faz criar e querer se relacionar com aquela coisa toda de modo diferente.

*Inventando as escutas*

Não se assuste, pessoa  
Se eu lhe disser que a vida é boa

Enquanto eles se batem, dê um rolê  
E você vai ouvir  
Apenas quem já dizia  
Eu não tenho nada  
Antes de você ser eu sou  
Eu sou, eu sou, eu sou amor da cabeça aos pés  
Eu sou, eu sou, eu sou amor da cabeça aos pés

(Novos Baianos, *Dê um rolê*)

Este projeto lançou um convite às movimentações afetivas diante das histórias amorosas e, de alguma maneira, possibilitou novos encontros: seja naquela história, seja em outra que não se esperava encontrar, seja consigo mesmo ou até como um delírio amoroso que se passou e fortaleceu essas escutas.

Portanto, esta tese versa sobre uma e várias histórias de amor atravessadas por interrupções que se desdobraram em novas escutas de si e de outros.

Não por acaso, a tese começa e termina com uma Renata que, durante esse processo, vai se transformando em várias outras Renatas. A começar por mim: enquanto me coloco em um processo de escuta de si, vou me abrindo para as escutas com outros, e assim vou criando, dia a dia, uma nova condição para me escutar e também para acompanhar outras escutas.

Experimentar escutar uma história de amor de outra maneira e encontrar possibilidades de falar e criar coisas tão inesperadas a partir disso, como uma tese de doutorado, por exemplo, foi e continua sendo uma saída ou entrada analítica para a vida que continua renascendo, no sentido da “potencialização do desejo, nesse seu caráter processual de criador de mundos, tantos quantos necessários, desde que sejam facilitadores de passagem para as intensidades vividas de forma aleatória nos encontros que vamos tendo em nossas existências” (ROLNIK, 2014, p. 70).

Atentar para as urgências amorosas que estavam passando ao lado, e também desejando falar e ser escutadas, foi o modo que encontrei de continuar escutando as

minhas urgências, porém acompanhada: enquanto acompanhava as outras histórias de amor, elas também me acompanhavam e me ensinavam a ir além da minha própria escuta e história. Escutar e falar de amor mobiliza mundos, suaviza as histórias e abre possíveis.

Não por acaso, todas as histórias de amor são sobre Renatas. Porque, muitas vezes, falar de si é também falar do outro, e falar do outro é também falar de si. Essa foi a maneira encontrada para deslocar o foco da identidade para o entre, a potência transformadora dos encontros, e de movimentar diferentes afetos e conexões que se passam nessas histórias, considerando suas singularidades. Aciono, aqui, uma espécie de despersonalização, algo que não se refere tanto ao sujeito e que encontra certa ressonância com o que Deleuze e Guattari propuseram nas suas escritas e que comentam em *Mil Platôs*:

Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. [...]. *Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 17).*

Nesta tese, portanto, há uma e várias Renatas, uma atravessada pela outra, uma que são outras. E outras tantas em uma. E outras tantas que ainda estão por vir. A esta tese, uma metamorfose de Renatas. Uma potência de Recriar, Renascer, Reconsiderar, Reconectar, Recomeçar, a partir dos encontros, do entre, um Recompôr-se na escuta de si e do outro.

### *Do flerte aos encontros*

Quando anunciei o projeto “Escutas de histórias de amor” nas mídias sociais e também presencialmente para a minha rede de conhecidos, optei por não fazer muitas intervenções no que diz respeito a descrições, apresentações ou explicações sobre a prática, para não interferir tanto no processo e não sugerir muitos recortes prévios sobre quais tipos de história se esperava escutar.

O critério de participação foi o desejo de contar, de movimentar afetivamente tais histórias, que se concretizou em ato: a procura pela participação no projeto.

Assim, no início de cada escuta, contava aos participantes que a proposta se tratava de uma experimentação de escuta analítica, inicialmente breve, e que participava da elaboração da minha tese de doutorado no Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP. O projeto “Escutas de histórias de amor” foi realizado presencialmente na Casa Líquida, em São Paulo, e também *on-line*.

“Conte-me a sua história de amor”. Com esse convite, iniciei os primeiros encontros com os participantes. Com cada um, estabeleci diferentes tempos de escuta, entre dois e três meses, que foram sendo compostos com eles durante o processo, com participações semanais.

No início da tese, tinha algumas suposições sobre os participantes. A de que seriam apenas mulheres que participariam foi parcialmente confirmada: com exceção de um homem, que se apresentou em um dia, mas não deu continuidade, todas que procuraram, e também que participaram das escutas, foram mulheres (autodeclaradas como tal e como heterossexuais, bissexuais e/ou homossexuais). A de que só histórias de amor relacionadas a casais seriam escolhidas para serem contadas também foi confirmada: mesmo não colocando nenhuma pré-condição ou direcionamento para qual tipo de história estava escutando, todas as escolhidas para serem contadas foram histórias de amor entre casais (autodeclarados como monogâmicos ou não, heterossexuais ou homossexuais), mas poderiam ter sido – e a escuta estava aberta a isso – histórias sobre qualquer tipo de encontro amoroso. E sobre o teor das histórias de amor, este foi um ponto que teve tanta força nas histórias e nas escutas que direcionou o foco desta tese: todas as participantes escolheram contar histórias de términos, passados ou em vigor, ou ainda sobre a morte de um deles. Apesar de as escutas passarem, de algum modo, por relacionamentos atuais, todas as histórias contadas tiveram ênfase maior em relacionamentos anteriores e/ou em processos de separação, situações que foram chamadas aqui como interrupções. Assim, fui acompanhando as movimentações afetivas e o que se desejava ou não ser falado e mostrado em cada história.

Durante esse breve período de escutas de histórias de amor, enquanto acompanhava, também era acompanhada por elas e por supervisores, esquizoanalistas e psicanalistas, que se compunham comigo nesse cuidado em relação à escuta analítica que ia praticando, aberta às reconsiderações.

As escutas, portanto, foram se compondo quando colocadas em funcionamento, aliançando-se a uma afirmação da vida (ROLNIK, 2014, p. 71). “A

análise do desejo assim concebida é, fundamentalmente, uma ética” (ROLNIK, 2014, p. 70).

Desejo, nesta perspectiva, é processo de produção, é movimento. “Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 43). Desejar é construir um agenciamento (DELEUZE; PARNET, 1998), e me vi fazendo isso com e nesta tese.

Aqui, o leitor e a leitora podem me acompanhar inventando diversos agenciamentos a partir de agenciamentos que me inventaram: ora convocando coisas amorosas que vivi e aprendi com as crianças, que vão se compondo com novas interrupções e com diferentes coisas amorosas dos outros nas escutas; ora conectando um tipo de interrupção na minha história com a criação deste projeto de escutas e desta tese; ora conectando morte e dança, produzindo outros giros na escuta da história e fazendo passar novas falas e escutas amorosas; ora conectando escutas e imagem da morte com uma borboleta que sobrevoava os encontros naquele momento, entre outros tantos – vale lembrar que o “desejo é revolucionário porque quer sempre mais conexões e agenciamentos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 94). Para Deleuze e Parnet, o agenciamento conecta e faz passar de uma multiplicidade para outra: “aqui como em outra parte, é o conjunto dos afetos que se transformam e circulam em um agenciamento de simbiose definida pelo co-funcionamento de suas partes heterogêneas” (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 84).

Há produção de agenciamentos por toda a tese e para além dela. Ao contarmos histórias de amor, agenciamos afetos, lembranças, interrupções, imagens, palavras, cartas de amor, coisas amorosas. E aqui, a produção destas conexões faz escutas e faz coisas amorosas passarem, e faz novas Renatas acontecerem entre as distintas histórias de amor.

*Como as escutas foram realizadas?*

Meu amor  
Tudo em volta está deserto, tudo certo  
Tudo certo como dois e dois são cinco

(Caetano Veloso, *Como Dois e Dois*)

Procurei escutar o que se passava naquela relação amorosa. Quais os desejos em cena, quais os pontos mais destacados quando se fala de amor, e os encontros (e desencontros) amorosos? O que se passava nesses encontros? O que acontecia nessa história e o que mobilizava a separação? O que ainda se desejava a partir dessa relação? O que não se fez e que ainda pode ser feito? Por que se escolheu contar esta história e não outra? Algumas destas questões orientaram as escutas nos encontros, assim como outras práticas de experimentação que foram acontecendo e abrindo a novas escutas possíveis e maneiras diferentes de contar aquelas histórias e de movimentar os afetos.

O período de duração do projeto de escuta criado não tinha uma definição a priori. Lancei-me aos encontros e fui dando contorno, pouco a pouco, tanto às escutas quanto ao período do projeto, com cada participante. Em alguns casos, estendeu-se um pouco mais o período dos encontros; em outros, como no da menina do rio, a própria participante interrompeu o processo antes do período acordado. Neste caso, a interrupção diante do prazo indicado para a finalização do projeto de escutas também foi acionada como um articulador analítico da história naquele contexto.

Em resumo, a questão do tempo foi se mostrando diferente, em cada escuta e situação, considerando tanto as minhas condições e disponibilidade para aquela prática quanto a minha abertura para a escuta de outros tempos e desejos que surgiram, prolongando algumas escutas para além do previsto.

Assim, experimentamos essas escutas durante o projeto entre dois e três meses, com frequência semanal, considerando as singularidades de cada contexto, mas não houve rigidez a esse respeito, e a escuta se colocava aberta a flexibilizar esses tempos. Para uns, esse curto tempo foi o que possibilitou a realização dos encontros naquele momento; para outros, o tempo deste projeto foi curto e foi também uma ocasião de abertura para a continuidade de novas escutas analíticas, mais longevas. Duas participantes continuaram as escutas comigo para além do projeto, em outros contextos presenciais, e uma outra iniciou acompanhamento psicanalítico em outro contexto a partir dessa experimentação. Para além do cronológico, novos tempos de escuta também aconteceram e se abriram ali. Enquanto elas inauguravam um novo desejo de falar, eu também inaugurava um novo desejo de escutar. E seguimos nos acompanhando.

Aqui, escolhi apresentar três histórias de amor<sup>2</sup>: duas delas de participantes que realizaram o processo de escuta proposto (das cinco participantes ativas no projeto durante esse período), juntamente com minha história.

---

<sup>2</sup> As histórias narradas na tese se compõem da junção de várias histórias escutadas.

Figuras 1 e 2 - Jardim da Casa Líquida, onde as escutas aconteceram



Fonte: arquivo pessoal.

## 2 DAS PEQUENAS-GRANDES COISAS AMOROSAS DE RENATA

Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei.

(Manoel de Barros)

Começo com as mortes que atravessaram minhas experiências amorosas. Foi a partir daí que encontrei diferentes maneiras de me relacionar com as incontáveis interrupções – da ordem do extraordinário, do invisível, do incontável, do trágico, da piada, da tragédia, do infortúnio, do encosto, do mau-olhado, da injustiça, seja o nome que for, elas continuaram acontecendo e me afetando de distintas maneiras. Às vezes, parecia que a própria força da interrupção estava adquirindo consistência, tamanha intensidade e recorrência. Tinha a impressão de que a interrupção era o que não podia ser interrompido, e isso produziu uma sensação de luto interminável. Mas, uma vez que as interrupções persistiam, elas se tornaram grandes aliadas, e fui aprendendo a me compor com elas de outra maneira. O que precisava, então, ser interrompido era outra coisa, era algo em mim e na minha relação com a coisa.

Parti de um desejo de produzir outra coisa. Mas quais condições tinha para isso?

Tendo como horizonte a produção de uma escuta mais amorosa, com feição esquizoanalítica, esse processo coincidiu com um re-fazer-se na escuta de si e, aos poucos, com um abrir-se à escuta dos outros.

Ao me colocar fazendo, mesmo não sabendo o que fazer com aquela coisa toda, acompanhada de aliados, do desejo de criar e de elaborar tais interrupções, fui exercitando uma lucidez, intervindo e praticando a escuta desses processos de modo diferente.

Não querendo mais investir tanto nem no que vai, nem no que fica, ocupei-me de criar passagens entre um e outro, e de aprender a me relacionar de outra maneira com “essa coisa toda”.

Mas pessoas demais obstruíam o movimento.

Eu mesma mais ainda.

Então, foi preciso criar a distância necessária em mim. Criar a distância necessária de pessoas e de certos pensamentos e afetos que acentuavam a força reativa das interrupções e as conexões infelizes. Os maus encontros, os tristes fins.

No entanto, para fazer nascer outras vidas, foi inevitável aquele encontro triste e ressentido com as mortes e as interrupções.

Coloquei-me nesse processo de desconstrução-construção-reconstrução e tentei me aproximar da escuta da minha precariedade. E fazer isso tornou-se um ato amoroso e vital.

Uma saída (ou entrada) amorosa criada foi – e continua sendo – experimentada: a prática da escuta analítica comigo e com outros. E a minha primeira escuta do outro, naquele momento, aconteceu sensivelmente com as crianças.

### **Quem cuida de quem?**

Vamos viajar até onde o sol possa nos guiar, vamos para a África  
 Juntos a sorrir dar as nossas mãos e nos divertir, o safari descobrir  
 Dona hiena vive dando gargalhadas  
 Acho que um palhaço lhe contou alguma piada  
 Senhora girafa que pescoço grande  
 Pegue uma estrela para mim, essa mais brilhante

(Mundo Bitá, *Viajar pelo Safari*)

Como extrair alegria na morte? Houve um momento em que me coloquei na experimentação intuitiva de passar um tempo fora da minha casa e abriguei-me na casa onde moram as crianças que me ensinaram a me relacionar com novos porquês(?) e com alguma inocência entre vida e morte.

O encontro com as crianças me permitiu perceber os contrastes e as ressonâncias entre as tantas existências. Produzi pequenas alegrias cotidianas no acompanhamento de cada passo e sorriso dados, de palavras aprendidas e faladas, de cada gesto e brincadeira criados enquanto recebia esse presente amoroso da vida.

Assim, fui descobrindo outros lugares para estar. Outras passagens que eu também poderia fazer (entre mundos, entre morte e vida). Outras presenças amorosas que já estavam ao meu redor. A poesia das crianças e dos nossos encontros me possibilitou um novo respiro em meio a essa coisa toda.

Morte e vida, alegria e tristeza, luto e vitalidade, cuidado e sintomática. Ali, naqueles encontros, tudo podia coexistir e ainda se tornar mais interessante. Acompanhei, com as crianças, seus adoecimentos, brincadeiras, birras, crises de angústia, raiva, desamparo, altos e baixos, mas de modo inocente, leve e provocativo. A cada dia, brincava de “viver” e de “morrer”, passo a passo, “levantando” e “caindo”,

testemunhando muitas coisas sendo vividas e acontecendo pela primeira vez – tanto para as crianças quanto para mim. Experimentando tudo isso fui aprendendo a nascer de novo. A renascer com o sentido do meu próprio nome, que era o tempo todo lembrado por elas em seus repetidos chamados endereçados à “tia Rê”. Um nascer de novo e Re-nascer com quem experimenta essa força vital todos os dias, em outros tempos, com tamanha energia ativa.

As crianças me alegravam e me fortaleciam nessas conexões entre corpos, cuidados e afetos. Cada vez mais, passei a investir a minha energia ali. Tão bem acompanhada, pude enxergar uma morte alegre em meio àquela entristecida que também experimentava. Algo em mim morria um pouco mais a cada dia. Esses encontros foram convocando novos modos de relação e ampliando a minha capacidade de amar.

Aos poucos, percebi que meu encantamento estava além das pessoas das crianças, mas no que as atravessava, no que acontecia *entre*, nas nossas relações, e isso me ajudava a repensar a ausência, a presença e a presença na ausência. Os encontros corpóreos com as crianças foram a concretização de um movimento de presença amorosa que estava gritando diante das tantas ausências físicas que me assombravam. Eu me permiti ser cuidada por elas, além dos outros amigos que também me acompanhavam, amorosamente, nesse processo.

Isso tudo me deu o ânimo necessário para, depois, fazer esse mesmo movimento amoroso com o outro e acompanhar as movimentações afetivas que atravessam as demais histórias de amor. Assim, primeiro, aquilo que acontecia entre mim e as crianças potencializou uma escuta comigo mesma e, depois, uma escuta com o outro e com outras tantas histórias de amor. É essa coisa amorosa que hoje percebo como uma alegria no encontro com a diferenciação, que contagia.

A criança se alimenta de um movimento lúdico, imprevisível, de conexões imediatas, e é desprovida de julgamentos. Mas, aqui, a criança experimentando essa coisa toda era eu, que ora era cuidada, ora cuidava das demais. Quem cuidava de quem?

E, ao mesmo tempo que o encontro com as crianças me distanciava de certa morte, também me aproximava de uma morte mais suave, mais inocente e mais leve.

Passei também a me compor com as plantas e a me alimentar de outras potências da natureza (vivas e mortas): as plantas que estavam em minha casa, sem destino, sem interesse utilitário. Elas, ali, habitavam o limite da sua força de existir.

Partilhávamos esse comum. Cuidava das plantas e elas cuidavam de mim. Plantei, fiz nascer e vi morrer plantas e pessoas durante esse percurso de suspensão na vida, nessa interrupção provocada no meu tempo rotineiro, entre o brincar e o viver, e esse foi um movimento amoroso da maior grandeza e fundamental para que pudesse continuar essas escutas. Alimentei-me também - apesar das indigestões - de livros, filmes, músicas, viagens, fiz novos amigos e, aos poucos, fui ampliando encontros, olhares e novos flertes com a minha própria vida. As crianças, as plantas, a espiritualidade, a mãe e as mulheres ao meu redor compuseram, com essa força vital, novas amorosidades em minha história e na tese. E fui, pouco a pouco, criando condições para aprender a escutar essas outras preciosidades.

Diante “dessa coisa toda”, o período com as crianças também aliviou os sintomas em meu corpo. E isso já era muito. Com elas, estava criando uma nova vida, já existia um pouco mais e já amava um pouco mais. Esse outro tempo potencializado pela minha convivência com elas foi ar, foi mar, foi amar, foi reaprender a falar e a amar; foi a descoberta de um novo e inesperado bom encontro com a vida e com as minhas histórias amorosas. Assim escrevia, brincava, criava outro jeito de viver, vivia uma e outras vidas. A tese confundia-se com a vida e vice-versa: a brincadeira mais séria e amorosa que poderia acontecer.

Foi contando muitas histórias, primeiro para elas, que fortaleci as minhas e que passei a contar e a Re-contar essa e outras histórias de amor para mim mesma e a cada novo encontro amoroso.

E foi assim, também, que essa tese pôde continuar abrindo-se para as tantas histórias de amor que seguem acontecendo; cuidando e ganhando consistência, lançando-se ao desconhecido e transmutando-se diante das inúmeras condições reativas de escuta que também motivaram as suas interrupções durante esse percurso.

Fazer tese, refazer tese. Contradizer a tese, Re-afirmar a tese. Virar a tese do avesso. Brincar e fazer tese. Eis, aqui, o avesso da tese. Ou a possibilidade de criar uma e outras teses. E se o amor mora nos detalhes, esta tese só pode existir por ser, ela mesma - e resistindo a muitas outras interrupções que apareceram pelo caminho -, um ato de amor, uma escuta amorosa da vida.

Mas isso foi depois. Esse texto veio depois.

Antes, foram meses em que as frases eram impossíveis. Meses de quase nada, mar vazio, uma palavra aqui e outra ali, como peixes que escasseiam, e eu

permanecia à deriva. Nada dizia, nada escrevia. Dela havia fugido o entendimento e todo espaço vago era de dor sem palavra. De palavra sem vontade. Criar um caderno. Fazer caber ali o quase-nada-de-palavra-sem-vontade e o fiapo de voz que ainda havia. Fazer disso um começo qualquer. Primeiro, palavras-quaisquer; depois, palavras-afins, palavras-desajeitadas, palavrinhas, imagens-sem-palavras. Assim, essa coisa toda, antes tão sofrida, foi se conectando lentamente com outras tantas coisas amorosas, ampliando a minha própria escuta e criando novas composições amorosas entre coisas de criança, coisas de pele, coisas de tese e outras tantas. O *Caderno de experimentações com coisas amorosas*, a seguir, reúne alguns desses experimentos realizados comigo mesma, ao longo de muitos meses, num caderno comum. Não há sofisticação neles, não é o caderno de um artista nem de um escritor, mas o caderno de alguém que decidiu dizer e escutar o que dizia, e fazer disso o começo de alguma coisa para além de si.

**CADERNO DE EXPERIMENTAÇÕES  
COM COISAS AMOROSAS**

Será necessário, sem dúvida e sempre, desesperadamente, alguns que aí se encontrem à deriva, como se eles tivessem perdido o entendimento, qualquer que seja o instituído proclamado, para que a hipocrisia pretensiosa do verbo reinante apareça para quem nele se fia. Por isso eu escrevo.

(Fernand Deligny)

Escrever.  
Não posso.  
Ninguém pode.  
É preciso dizer: não se pode.  
E se escreve.  
É o desconhecido que trazemos conosco;  
escrever, é isto o que se alcança. Isto ou nada.

(Marguerite Duras)

## Coisas de fala

Queridx leitorx,

Meu nome é Renata, do latim Renatus, traduzido como renascida. É nesse ponto vital onde me Re-encontro ou onde ocupo certo lugar no mundo: começando de novo. E de novo... Re...começando... nos tantos encontros amorosos, com os seus consequentes nascimentos e Re-nascimentos, nos encontros com as crianças, as mulheres que trago comigo, a espiritualidade, as plantas. Eu e essa coisa toda nos conectamos no amor.

E, como toda tradução é passível de traição, traio-me e também sou traída nesse processo. Mas tento, ainda assim. E falho novamente. E tento de novo.

É, o amor move e Re-move a gente. Experimente convidar o amor para dar uma volta e viva um pouco mais.

Acompanhar essas movências em mim e nos outros é uma descoberta delicada e amorosa. E encontrar amor nessa coisa toda é um jeito de atribuir alma. Porque coisas amorosas são paisagens vivas.

Das minhas às suas coisas amorosas, recomeçemos!

Re...

se  
 nasce  
 morre nasce  
 morre nasce morre  
                   renasce remorre renasce  
                           remore renasce  
                                   remorre  
   re  
   re  
   desnasce  
                           desmorre desnasce  
           desmorre desmorre desnasce  
   nascemorrenasce  
   morrenasce  
   morre se

h.c. Poema *nascemorre*

**Movimento-abecedário***Primeiro momento*

LUTO: aqui-agora.

DIGESTÃO: indigestão.

MÚSICA: roubaram todos os meus instrumentos.

CORPO: esgotado.

VIDA: sinto muito.

MORTE: sinto muito.

PENSAMENTO: repetição do acontecido.

ESCRITA: cria possíveis. Urgente.

CASA: mudança, silêncio.

FALA: nó na garganta. Fala do corpo.

ESCUITA: ninho.

PRESENÇA: ausência.

SONO: insônia.

IMAGENS: Fogo na morte. Queimar imagens. Tocar fogo no que realmente morreu X fazer viver, também pelas cinzas, o que não morreu.

FOTOGRAFIA: respiros. Sopro de vida no olhar. Olhar pelo ângulo da vida.

*Segundo momento*

ÁRVORE: plantar um pé de despensamentos.

ALIMENTO: sem tempero. Próxima viagem: voltar para Minas Gerais.

CAFÉ: mata a sede da saudade. Pão de queijo. Vó Zora.

PLANTA: para cuidar dos aromas perdidos. Acalanto aos pensamentos.

MÃE: vida.

CRIANÇA: festa. Revisitação de mim. Pausa, inocência e simplicidade, o que hoje me escapa. Nascer de novo.

CORPO: há pássaros entalados no meu corpo.

MÃO: toque de presença.

TERRA: Mãe-terra. Onde tudo pode nascer e morrer. Há terra ou aterra.

BEIJA-FLOR: sonhar pode ser doce. Fe.

MÓVEIS: acompanham a movimentação da vida.

TRANSITAR: criar possíveis.

*Terceiro momento*

CORPO: caos. Tumulto.

CÔMODOS: incômodos. Desacomodar.

FREQUÊNCIA: buscando entrar na frequência das cores.

ALECRIM: cheiro de casa. Bons fluídos.

RESPIRAÇÃO: falta ar.

LAGO: prefiro encarar o lago ao mar agora.

LUTA: luto.

MAR: Maré alta. Iemanjá e Iansã, dançar e cantar para o mar. Abraçar.

MEDITAÇÃO: leveza.

CAIR: experimento com frequência.

FOGO: queimada. Cinzas. Desfazimentos.

VIAGEM: onde consigo estar. Presença-ausência. Estar-não-estar. Transitar. Passagem.



Carta de Amor O Diário de Frida Kahlo Ai que Saudade D'ocê A Fera Na  
Selva Nossa Casa De Amor Tenho Vivido Esotérico Fragmentos De Um  
Discurso Amoroso Poema Griffin e Sabine: Uma Correspondência  
Extraordinária Fala Outro Silêncio Se Tudo Pode Acontecer Treino e(m)  
Poema O Meio Elogio ao Amor Rodopio Queria Ter Ficado Mais Debaixo  
D'Água Os Orixás Sob o Céu do Brasil Amor Cinza Agradecer e Abraçar  
Alguma Poesia Coisa de Pele A Gênese de Um Corpo Desconhecido Reza O  
Livro das Semelhanças Alinhamento Energético A Dançarina Doente Coração  
Bobo Decadência Pelo Amor La Belle De Jour Reinvenção da Intimidade Tu  
Vens Dor e Glória Viajar Pelo Safari Toda Mafalda Natureza Sempre Se  
Transforma Irmão do Jorel Alucinação Potências do Tempo Sujeito de  
Sorte Ensaio do Assombro Dragão A Virada Vegetal Carapalavra Imagem e  
Palavra Banho de Folhas Socorro Que emoção! Que emoção? Estado De  
Poesia Onde Estará o Meu Amor Os Catadores e Eu Respira Olhos D'Água  
Deus Me Proteja O Intolerável + Escutas em Transe Eu Quero é Botar Meu  
Bloco na Rua O Carteiro e o Poeta Filhos de Gandhi Santa Bárbara  
Abraços Partidos Babá Alapalá Como Dois e Dois O Averso do Nihilismo Vai  
e Vem Corpos de Passagem Espumas ao Vento Revolução das Plantas  
Cotidiano n 2 Escuto Histórias de Amor Todas Elas Juntas Num Só Ser  
As Existências Mínimas Oração ao Tempo Pandemia Crítica Iansã O Livro  
do Amor Balada de Gisberta O Deserto Vermelho Magamalabares Fios de  
Ouro No Abismo Gira Yoga, Imortalidade e Liberdade Dor Elegante Devia  
Ser Proibido A Pulsão Anarquista Lamento Sertanejo Uma Visão Ayurvédica  
da Mente Anjo Exterminado Nutrindo Seus Sentidos Tô Cajuína Leituras do  
Corpo Reconvexo Margem Amor Festa e Devoção Adeus à Linguagem Canto  
Para Oxum Um Beijo Dado Mais Tarde Inquérito às Quatro Confidências  
Amor Ímpar A Restante Vida O Livro das Comunidades A Arte de Caminhar:  
O Escritor Como Caminhante O Começo de um Livro é Precioso

Amar: fazer e desfazer casas

Há textos reais - trazem uma coroa na sua humildade. Há móveis reais - trazem o desprendimento no seu próprio ser. Tocam-se por imagens. Há fios frios nas janelas, que as mantêm abertas. Há alegrias indizíveis que nascem de anéis que enterramos nas palavras, nos lagos, no alto das montanhas. Há certezas tão verdadeiras como incertezas. Há lugares que já alcançamos sem nunca os ter habitado. Há o êxodo que consome os tempos, um a um, como pétalas [...]

(Maria Gabriela Llansol)













## Em tempos de amor-cinza

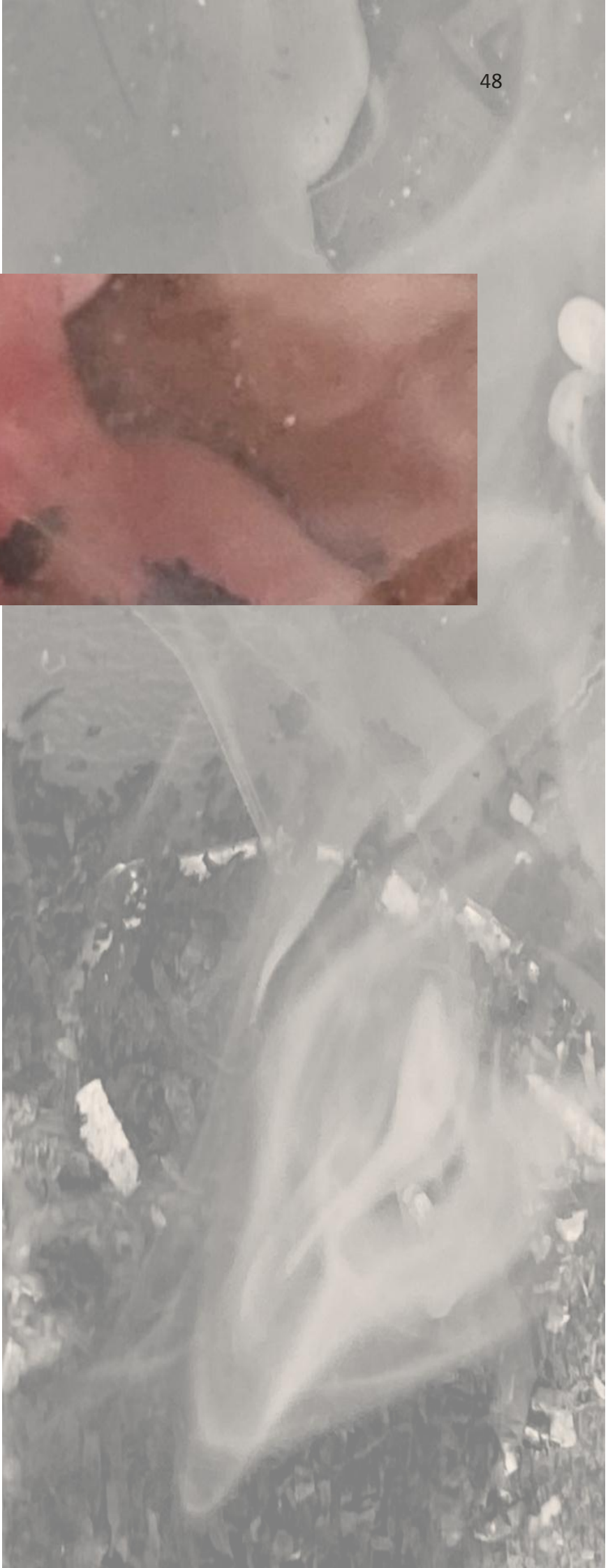
Madrugada de 5 de abril. Áries anuncia a era do fogo ardente e do fechamento de ciclos passados. Às cinco da manhã, a água dá lugar ao fogo na dança dos planetas: o mesmo horário em que a minha casa recebeu a passagem desse tempo astrológico na terra dos "vivos".

Acendo uma vela para a deusa do tempo e dos ventos, peço proteção, durmo com as ondas do mar e acordo com a casa pegando fogo. Por acaso, sincronicidade, mistério ou "destino", uma tosse me despertou para a vivência do que parecia um pesadelo dentro da minha própria casa.

Acordo no meio das cinzas. Há fumaça por todas as partes e cinzas em todos os cômodos e objetos. Não era sonho e nem pesadelo. Era a morte me rondando de perto, mais uma vez, direta e violentamente. Em um piscar de olhos, a morte visitou a minha casa novamente, mas sobrevivi. Afinal, tinha que respirar, todo dia...

Na linha do horizonte  
 Tem um fundo cinza  
 Pra lá desta linha  
 Eu me lanço e vou  
 Não aceito quando dizem  
 Que o fim é cinza  
 Eu vejo o cinza  
 Como um início em cor  
 Quando tudo finda  
 Dizem: virou cinza  
 Equívoco, pois cinza cura  
 É poesia e eu sou  
 Vamos celebrar,  
 O amor há de renascer das cinzas,  
 Vamos festejar o cinza com amor"

(Mateus Aleluia, *Amor Cinza*)



*O amor há de renascer das cinzas*

As tosses, a vela e as cinzas: fechando ciclos, iluminando caminhos e matando, amorosamente, algo em mim.

E quando o que "protege" a vida se torna também uma ameaça? O contato com aquelas outras cinzas faz emergir as mortes que me povoam. As cinzas são, ao mesmo tempo, ausência de corpo físico e presença corpórea com alguma materialidade. Elas tomam lugar na casa toda sem controle algum, alastram como um câncer por todos os objetos da casa e me recolocam em contato com as mortes: físicas e simbólicas. É preciso tempo de respiro, é nele que invisto o meu desejo. Novamente me vejo impotente e fragilizada. Sinto o sufocamento e a insegurança em voltar à minha casa. Volto mesmo assim. Choro e saio de casa. Talvez não retorne mais. Morre, também em mim, mais uma casa. Vivo mesmo assim.

*Tempo, és a deusa da ventania*

Música para mover o tempo das coisas e para chorar e compor com as dores. E quando faltam as palavras, ainda deslocadas e desencontradas naquele tempo, outros sons, silêncios e presenças também esquentam e protegem a casa que ainda resta em mim.

És um senhor tão bonito  
Quanto a cara do meu filho  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Vou te fazer um pedido  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Entro num acordo contigo  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo  
No som do meu estribilho  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ouve bem o que eu te digo  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo  
E o movimento preciso  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Quando o tempo for propício  
Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito  
Ganhe um brilho definido  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
E eu espalhe benefícios  
Tempo, tempo, tempo, tempo

O que usaremos pra isso  
Fica guardado em sigilo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Apenas contigo e migo  
Tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído  
Para fora do teu círculo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Não serei nem terás sido  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ainda assim acredito  
Ser possível reunirmo-nos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Num outro nível de vínculo  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto peço-te aquilo  
E te ofereço elogios  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Nas rimas do meu estilo  
Tempo, tempo, tempo, tempo

(Caetano Veloso, *Oração ao Tempo*)

A nossa casa é onde a gente está  
A nossa casa é em todo lugar

(Arnaldo Antunes, *Nossa Casa*)

# Carta de Amor

(dela para quem for)

Eu tenho Zumbi, Besouro, o chefe dos tupis  
 Sou Tupinambá, tenho os erês, caboclo boiadeiro  
 Mãos de cura, morubichabas, cocares,  
 Zarabatanas, curares, flechas e altares  
 A velocidade da luz, o escuro da mata escura  
 O breu, o silêncio, a espera

Eu tenho Jesus, Maria e José  
 Todos os pajés em minha companhia  
 O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos  
 O poeta me contou

Não mexe comigo, que eu não ando só  
 Eu não ando só, que eu não ando só  
 Não mexe não!

Não misturo, não me dobro  
 A rainha do mar anda de mãos dadas comigo  
 Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim  
 É do ouro de Oxum que é feita a armadura que cobre meu corpo  
 Garante meu sangue, minha garganta  
 O veneno do mal não acha passagem  
 E em meu coração, Maria acende sua luz e me aponta o caminho

Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã  
 Giro o mundo, viro, reviro  
 Tô no Recôncavo, tô em Fez

Voo entre as estrelas, brinco de ser uma  
 Traço o cruzeiro do sul com a tocha da fogueira de João menino  
 Rezo com as três Marias, vou além

Me recolho no esplendor das nebulosas, descanso nos vales, montanhas  
 Durmo na forja de Ogum, mergulho no calor da lava dos vulcões  
 Corpo vivo de Xangô

Não ando no breu, nem ando na treva  
 Não ando no breu, nem ando na treva  
 É por onde eu vou que o santo me leva

Medo não me alcança  
 No deserto me acho, faço cobra morder o rabo,  
 escorpião virar pirilampo  
 Meus pés recebem bálsamos, unguentos suaves das mãos de Maria  
 Irmã de Marta e Lázaro, no oásis de Bethânia  
 Pensou que eu ando só? Atente ao tempo!  
 Não começa, nem termina, é nunca, é sempre  
 É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra  
 Fulmina o injusto, deixa nua a justiça

Eu não provo do teu fel, eu não piso no teu chão  
 E pra onde você for, não leva o meu nome não

E pra onde você for, não leva o meu nome não

Onde vai, valente?

Você secou, seus olhos insones secaram

Não veem brotar a relva que cresce livre e verde longe da tua  
cegueira

Seus ouvidos se fecharam a todo som, qualquer música

Nem o bem, nem o mal pensam em ti, ninguém te escolhe

Você pisa na terra, mas não a sente, apenas pisa

Apenas vaga sobre o planeta, e já nem ouve as teclas do teu piano

Você está tão mirrado que nem o diabo te ambiciona, não tem alma

Você é o ôco, do ôco, do ôco, do sem fim do mundo

O que é teu já tá guardado

Não sou eu que vou lhe dar

Não sou eu que vou lhe dar

Não sou eu

Eu posso engolir você, só pra cuspir depois

Minha fome é matéria que você não alcança

Desde o leite do peito de minha mãe

Até o sem fim dos versos, versos, versos

Que brotam do poeta em toda poesia

Sob a luz da Lua que deita na palma da inspiração de Caymmi

Se choro, quando choro, e minha lágrima cai

É pra regar o capim que alimenta a vida

Chorando eu refaço as nascentes que você secou

Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio

Ando de cara pro vento, na chuva, e quero me molhar

O terço de Fátima e o cordão de Gandhi cruzam o meu peito

Sou como a haste fina, que qualquer brisa verga, mas nenhuma espada  
corta

Não mexe comigo, que eu não ando só

Que eu não ando só, eu não ando só

Não mexe não!

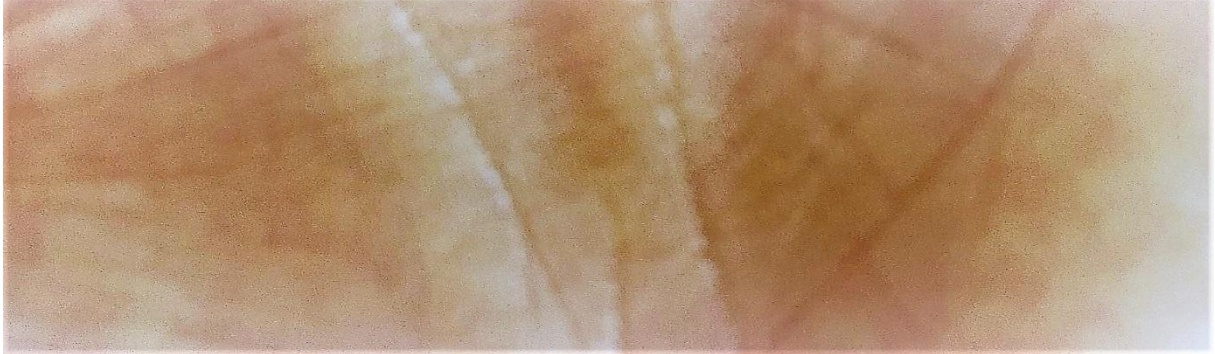
Maria Bethânia

Amorteamo \_\_\_\_\_ amorte amo \_\_\_\_\_ amor te amo...

Amorteamo amorte amo amor te amo \_\_\_\_\_



COISA DE PELE



## ESSA COISA TODA

Não se admire se um dia um beija-flor invadir  
 A porta da tua casa, te der um beijo e partir  
     Fui eu que mandei o beijo  
     Que é pra matar meu desejo  
     Faz tempo que eu não te vejo  
     Ai que saudade d'ocê  
 Se um dia você se lembrar, escreva uma carta pra mim  
     Bote logo no correio, com frases dizendo assim  
     Faz tempo que eu não te vejo  
     Quero matar meu desejo  
     Te mando um monte de beijo  
     Ai que saudade sem fim

(Vital Farias, *Ai que saudade d'ocê*)

3 de agosto. O dia que me levou dois amores. Dois cânceres, duas mortes. E uma sucessão de mortes por vir.

De início, produzia um ciclo que girava entre raiva e ressentimento. Nesse período, insistentemente, tentava inaugurar novos processos que acabavam culminando em novas interrupções. A questão da morte mal resolvida ou não suficientemente resolvida - que propunha um exercício de desapego e esquecimento - continuava atormentando. Se, por um lado, o desejo ficava aprisionado nas interrupções de tantos começos e projetos; por outro, pouco a pouco, entendi que fiz o necessário segundo as forças que tive naquele momento. Não podia ser diferente. Fui acionando um tipo de libertação daquela visão ressentida, como um ato de cuidado e amor a mim e às minhas histórias. Com isso, aprendi que estas histórias de amor poderiam ter sido levadas ao desperdício, se as compreendesse dessa maneira reduzida, sustentando apenas a faceta trágica e violenta das mortes, e me movimentei para não o fazer.

Comecei tentando achar um jeito de fazer as pazes com cada morte, com cada interrupção vivida e com cada história. Foi assim que pude ir me virando e revirando em direção a uma nova força amorosa, comigo e com os outros.

Com todas as dificuldades, fui aprendendo, a passos lentos, a manter alguma distância em relação a "essa coisa toda" e achar certa graça nisso. E foi nesse tempo, lento, sintomático, experimentando alguma crueldade junto com uma amorosidade que

comecei a me perguntar: como não abandonar o passado, mas olhar para ele com uma nova amorosidade?

### O que uma dor mal resolvida ainda tem a dizer?

Perspectivas distantes. - A: Mas por que essa solidão? - B: Não estou aborrecido com ninguém. Mas sozinho pareço ver os amigos de modo mais nítido e belo do que quando estou com eles; e quando amei e senti mais a música, vivia longe dela. Parece que necessito de perspectivas distantes para pensar bem das coisas

(Nietzsche, *Aurora*)

"Crie distância". Se não crio distância suficiente, vou me transformando, de alguma maneira, em uma morta-viva. Foi com essa motivação que fui notando que, uma hora, poderia festejar e brindar com a vida novamente. E até escrever uma tese com esse tipo de coisa.

Com essas aberturas de caminhos, passei a me perguntar o que, na minha história, não havia sido feito e poderia ser feito agora. O que não teria mais jeito? Haveria outro jeito de lidar com essa coisa toda?

Investi na criação de certa distância, na solidão (acompanhada), em um tempo deslocado da concretude das coisas rotineiras. Notei que algo também foi se fortalecendo nesse processo amoroso e vital. Que coisa é essa?

Não sabia, mas foi dessa forma que conquistei uma pequena autonomia que me permitiu lidar com o que estaria por vir. Nem o presente, nem o passado, nem eu éramos os mesmos.

### *Deixa eu te contar uma coisa*

Coisa é um termo que uso com frequência no dia a dia e que também utilizei muito durante esse período. É uma palavra que me remete a múltiplos e potentes encontros. É uma maneira de dizer algo para o qual não tenho palavras ou que não podia e não pode efetivamente ser dito. É um jeito de dar contorno e de me aproximar do incompreensível, do não sabido, do inalcançável.

Essa coisa toda também dizia, da maneira que conseguia, naquele momento, das outras tantas camadas afetivas e que aconteciam nos encontros, que ainda não encontravam outro modo de expressão, mas que estavam ali, me atravessando. Coisa produz gagueira, engasgo, uma escapulida não só linguística.

É sobre isso que escapa, mas que ali está, que se experimenta, que acontece.

Coisa provoca uma quebra na linguagem, um corte, uma interrupção de algo - seja no pensamento, na memória, na fala ou em qualquer outra coisa - que aqui interessa, que movimenta e dispara questões, que faz falar de alguma maneira, que faz compor, que faz querer virar... até novas coisas amorosas.

E é por isso que coisa, aqui, pode acionar outras coisas: a descoberta, também na minha própria linguagem, de como fazer essa conexão com uma reviravolta na vida ou uma espécie de virada de força por meio da coisa.

Coisa é uma das coisas amorosas que aconteceu e deu passagem a diferentes perspectivas entre-vidas-e-mortes. Porque coisa fortalece esse encontro misterioso entre impossíveis e possíveis, entre afetos tristes e alegres, entre morte e vida. E, em especial, traz uma conexão amorosa e singular para mim e para a minha história de vida: é um termo que me traz de volta para casa, para o meu sotaque e coração mineiro, para as Minas Gerais e para os encontros tão potentes que trago comigo.

Coisa de sotaque, coisa de pele, coisa do meu coração mineiro, coisa de amor.

Mas que coisa é essa? É um infinito de coisas que convoquei e que foi se diferenciando, girando e até virando uma outra coisa. É uma multiplicidade de coisas. Coisa, trem, uai, trazem um frescor, um carinho, um aconchego, que uma outra coisa, para mim, também não alcança com tamanha potência. Não é coisa à toa, não é qualquer coisa, não é pouca coisa. Tem coisa que não se explica, mas insiste em se apresentar. E tem uma coisa nesse termo que sabe muito bem disso. É por isso que resolvi escutar e fazer ressoar aqui a força com que se apresentou e que continua reverberando junto ao inenarrável das histórias. Já que naquele momento em que não conseguia muito bem expressar, coisa foi um termo que saltou, que repeti, que se destacou na minha fala e

nas composições afetivas com essa coisa toda - e que potencializou a conexão entre tantas outras coisas amorosas.

Coisas estão o tempo todo se produzindo e se diferenciando em mim, das pequenas às grandes coisas. E assim, aquela coisa toda interrompida também pôde se encontrar, amorosamente, com uma escuta da vida. O termo coisa, portanto, continuou me acompanhando, fortalecendo e se diferenciando durante esse percurso. Apresentei, neste caderno, algumas coisas amorosas que inventei, que acompanhei e que me relacionei nesse período. Elas fortaleceram o meu processo de escuta daquela coisa toda e potencializaram a virada da escuta da minha história e das minhas coisas amorosas rumo a uma outra coisa: à escuta do outro e das suas coisas amorosas.



## Coisa musicais

Até que nem tanto esotérico assim  
Se eu sou algo incompreensível  
Meu Deus é mais

Mistério sempre há de pintar por aí

(Gilberto Gil, *Esotérico*)

Houve uma época em que só era possível escutar músicas. Não conseguia permanecer em outro tipo de coisa.

Demorei para voltar a ler livros e a me compor também com filmes, experimentando, pouco a pouco, maior permanência ali. Músicas, livros e filmes me acompanharam durante todo esse processo. Trago aqui a música, não só por ter sido a primeira coisa possível de ser experimentada, mas por ter potencializado outros movimentos vitais quando as palavras desapareceram para mim: foi a partir destes encontros que fui capaz de rir, cantarolar e de me sentir acarinhada quase como fazia ao ninar as crianças; e assim fui percebendo o valor das pequenas alegrias e de novas presenças, mesmo diante dos sofrimentos. Esboçava pequenos gracejos e sorrisos de canto de boca ao ser acolhida pelas letras, sonoridades e pelo que se passava ali. Enquanto não podia dizer, podia escutar música e ser atravessada também por outras ressonâncias amorosas, por estas coisas cantadas e encantadas: elas me permitiram criar um lugar onde podia existir e foram grandes companheiras durante a organização dessa coisa toda. Permanecer naquela matéria sonora, invisível, presente na força daqueles momentos, que, junto com as letras, melodias, ritmos e vozes, faziam soar novos encontros amorosos. A repetição musical ia me atravessando e compondo junto com esse novo mundo que também ia se criando e sendo composto em mim.

Era como quando cantava e tocava para as crianças: ali se criava uma nova atmosfera, onde algo, até uma presença incorporal, podia acontecer de outra maneira, cuidadosa e amorosa.

A música foi uma companhia potente e um convite à experimentação daquela solidão povoada. Cantar a palavra do outro e sentir a ressonância com minhas histórias, com as crianças e as mulheres vivas em mim. E isso também foi um modo

de movimentar aquele meu estado afetivo e corpóreo, a princípio tão "imobilizado".

Aqui também dediquei algumas das músicas que potencializaram esse percurso e que convocaram uma nova força amorosa aos encontros e às histórias. Não à toa, as histórias amorosas são, muitas vezes, embaladas por trilhas sonoras. Músicas se compõem bem com os afetos que nos escapam, trazem endereçamento ao que é difícil de nomear, mas que continua ali vibrando. Elas tocam em pontos sensíveis das nossas histórias amorosas e podem fortalecer o movimento e a escuta, também da vida.

Além disso, aqui, a música: ora evocava um tom a mais de espiritualidade, ora uma batida mais forte no coração, ora causava uma movimentação mais alegre no corpo. Confiei na música como confiei no processo que criei, porque flerto com ela, encontro nela composições mais amorosas com a vida. Não por acaso, recorri à sua companhia.

O amor tem dessas coisas: de não sabermos o que pode acontecer e nos afetar, o que pode nos fazer rir ou as experiências inesperadamente alegres que podemos encontrar pelo caminho. As músicas também. Como experiências amorosas, esses encontros abriram um novo horizonte, para que alguma alegria pudesse começar a ser afirmada; às vezes, só escutando, em silêncio; às vezes, cantarolando e batucando.

Ano passado eu morri,  
mas esse ano eu não morro

(Belchior, *Sujeito de Sorte*)

## Coisas de amigo

O amor, como a amizade, requer escuta, do outro e de si. Os amigos que atravessaram e iluminaram essa caminhada ao meu lado, acompanhantes fisicamente ou não, ajudaram a produzir a justa distância entre viver, conviver, estar só e estar junto.

Estes amigos ensinaram que certa proximidade em demasia, também de pessoas, poderia atrapalhar ainda mais este processo.

Nietzsche, Deleuze, entre outros, me ajudaram a invocar outro amigo: o que me desloca de mim, para me permitir suportar a mim mesma.

Nesse tempo, perdi alguns amigos, mas criei novos e bons encontros: amigos-autores, amigos-livros, amigos-filmes, amigos-músicas, amigos-natureza, amigos-mulheres, amigos-animais, amigos-casas, amigos-escritas, amigos-crianças, amigos-espirituais, amigos-pensamentos, amigos-aulas...amigos e aliados de todo tipo, com os quais produzi uma profunda amizade e intimidade nesse período.

Amigos que ensinaram a me colocar em certa suspensão no tempo deste mundo para absorver outros tempos, realizar outros encontros. Em muitos instantes, sinto que produzi pequenos e potentes silêncios, interrupções ativas e hiatos nesse mundo de automatismos. Precisei fazer um curto-circuito na minha própria vida e no meu próprio modo de existir, de falar e de atribuir sentido à vida, às amizades, aos encontros, aos estudos, aos amores. Esses silêncios no meu próprio mundo e em certas relações me ajudaram a, então, ter algo novo a dizer.

Os amigos ensinaram a ter alguma proximidade com a distância e também uma suspeita sobre a proximidade. Fui convocada a abrir a escuta para outros silêncios, em meio às tantas falas e lugares de falas que recebia do mundo ao meu redor.

Escutar o amor por meio da amizade, dos amigos ou aliados que fortaleceram a minha rede amorosa de cuidado me permitiu vibrar e viver um pouco mais. Pude descobrir novos amigos, encarnados e não encarnados, imaginários e não imaginários, que foram brindando e afirmando comigo uma nova vida. Esses amigos também me trouxeram um pouco mais de saúde.

Se você achou que ano passado foi intenso  
Cê não sabia de nada, inocente  
Cê não sabia de nada  
Se você jurou que seu projeto ia vingar  
Cê não sabia de nada, inocente  
Cê não sabia de nada

Que fase louca  
Que fase doida  
Que ano é esse?  
O que é que vem depois?  
Eu tô exausta, eu tô perdida  
Já me disseram que só começou

Respira, aprende a respirar  
Se tu só pira, mas não respira  
Não vai dar

(Letrux, *Alinhamento Energético*)

## TROCA DE PELE

Enfrentar leões  
 Enfrentar  
 Passar por cima de uma coisa  
 que tá no lugar da outra

Mordida  
 A pele fica ferida  
 Prossiga no rastro,  
 no pasto e siga a vida

Por fim  
 A tristeza é amiga da onça  
 Ensina a enfrentar leões

(Karina Buhr, *Dragão*)

A troca de pele resgata um momento de transição entre as minhas sintomáticas na pele e a urgência de desvestir certa pele para criar outra, que abra caminhos para outras vidas e relações corporais. A pele é, aqui, como um "entre" mundos, um modo de acessar o dentro e o fora, o visível e o não visível, o corpóreo e o incorporal, a memória de passado e a de futuro, este mundo e além. A troca de pele foi um processo de diferenciação de mim mesma, daquele corpo esgotado e do acontecido que aquela outra pele vivenciou, porque essa coisa toda se fez com muitas marcas, também na pele.

Alergias e sintomáticas me acompanharam nessas descobertas, como se o mais profundo sintoma precisasse se manifestar e sair dela. A raiva, o ressentimento, a toxicidade disso tudo, naquele momento, foi exalada, literalmente, pela pele, em um movimento de expulsão de algo por toda a superfície do meu corpo. Foi assim que os meus poros, esgotados e inflamados, pediram respiro. Comecei, então, a trocar de pele, também e para além da concretude daquela descamação alérgica, propondo um novo encontro comigo mesma: uma questão de pele e de vida.

O que aconteceu com a pele me fez atentar para a mudança de direção das forças que iam se diferenciando em mim. O que não me gerava força ia desinvestindo, suspendendo e elaborando, deixando cicatrizar no seu tempo. O recolhimento ativo e a experimentação de uma solidão ativa foi abrindo o meu corpo para

a chegada de uma nova pele e para o reconhecimento de outros tempos em mim e na minha relação com as coisas. Foi preciso interromper alguns movimentos para poder fluir com outros. Isso que ia se passando comigo ia me dando ainda mais gosto nessa duração e variação.

Encontrar uma outra pele foi um modo de extração de força de um mau encontro com as mortes e com outras interrupções. Essa reviravolta na vida, por meio da pele, dessa apreensão de uma zona de passagem e de trânsito na vida - ou um olhar para a vida pela perspectiva da pele - me ajudou a dar esse salto da escuta comigo mesma à escuta com o outro. Foi um modo de escutar o entre, de olhar para o sintoma e também para o amor e a vida, na sua inteireza, considerando as tantas interrupções encontradas pelo caminho, mas também as aberturas para novos possíveis.

### **Revirar-se**

O que pode uma morte? A virada de uma vida ao avesso.

Este texto sobre a pele foi interrompido muitas vezes e de diversas maneiras. Foram inúmeras as entradas e saídas nele. Enquanto acessava as grandes tristezas e as pequenas alegrias ao sentir essa coisa toda na própria pele, algo continuava passando pelo avesso dos poros, a todo momento. Mas também havia algo que não passava, além de algo que, ainda assim, poderia passar.

E o que passa pelo avesso dos poros? O que pede e o que impede essa passagem?

O que passa pelo avesso dos poros, aqui, já é possível de ser acolhido, vivido e afirmado, de alguma maneira, na diferenciação amorosa dos encontros e nas diferentes composições afetivas entre vida e morte.

O que passa, aqui e agora, nesse momento em que eu escrevo e em que você lê, já é uma outra coisa. Mas, cá entre nós, a ínfima possibilidade de abrir os poros, de ampliar as movimentações e passagens para outras condições afetivas já é

sutilmente vital. Fazer passar algo assim, diante dessa coisa toda, é um grande caso de amor. Não sem revolta.

A troca de pele me permitiu esticar uma linha existencial, considerando seus fluxos e interrupções. Foi assim que fui fazendo essa bricolagem com os caquinhos que coleí, os mares onde nadei, as cidades onde andei, as brincadeiras que brinquei, as plantas que reguei, as mulheres em que me inspirei.

Mudar e amar com prudência, com uma ousadia prudente ou amar o inevitável e a fatalidade, amar e afirmar o que tinha que ser, amar e desejar realizar a sua própria vida, amar aquilo que é necessário nas coisas, amar o destino e afirmar o que se afirma (NIETZSCHE, 2011) é um processo contínuo, para toda a vida.

### Coisa de pele

Lidar com a própria pele. Sentir na pele e ressentir na pele. A pele, o maior órgão do corpo, me lembrava o tempo todo do tamanho da sintomática do meu corpo com órgãos, sentida em carne viva. As alergias na pele, de certa forma, permitiram sentir a entrada e a saída de fluxos do que estava se movimentando intensamente tanto dentro quanto fora. Uma saga que me levou a ir além da pele que obstrui e que interrompe a passagem: a me relacionar com a pele que faz algo passar e fluir livremente, que dá passagem também a outro tipo de coisa.

Esse entre que é a pele também é poroso. O maior órgão do corpo, que o reveste por inteiro, é cheio de furos, permitindo entradas e saídas e infinitas conexões. A pele, com todas as sintomáticas que me apresentou no corpo, foi ocasião para inaugurar esse olhar à superfície com profundidade, uma sabedoria corporal para acessar esse avesso das coisas.

As leituras de Nietzsche (2011) me acompanharam rumo às profundezas da superfície e ao encontro com uma nova prática de certa ética das profundidades com a superfície, assim como as provocações de Deleuze (1974), junto com Paul Valéry (1988), ao apontarem que a pele, o órgão mais superficial do ser humano, é o mais profundo.

Artaud (1983, 2006), Kuniichi Uno (2014), Deleuze (1974) e Deleuze e Guattari (1996) também me inspiraram a experimentar novas e inusitadas maneiras de me relacionar com um corpo caótico, nas suas diferentes intensidades e arranjos, conectadas aos avessos dos órgãos do corpo e da noção de organização que me adoecia. Intuitivamente, sabia que era urgente transmutar, ir além daquele corpo biológico e das suas determinações para poder respirar, arejar os poros, abrir-me às variações corporais, e “reinventar o corpo humano no jogo terrível entre as forças da vida e da morte. Trata-se de fazer vibrar o corpo além de seus limites orgânicos, social e historicamente organizados” (UNO, 2014, p.37).

Experimentar o caos na própria pele virou também oportunidade para vivenciar, de outros modos, as nuances mal resolvidas, interrompidas e doentias, propondo novos entrecruzamentos entre coisas amorosas. Esse momento marca uma reviravolta na minha escuta analítica, um entreato ou uma passagem para novos encontros e escutas.

Trocar de pele, tornar-me outra, diferir de mim, encontrar o entre das coisas me permitiram nascer de novo, criar e recriar uma escuta amorosa comigo mesma e com o outro; um dispositivo vital e amoroso para lidar com a morte e a vida, enquanto criava coisas amorosas com a pele que continuava descamando.

Isso exigiu uma movimentação muito difícil naquele momento, de sair de mim mesma e ir ao encontro das interrupções, das tristezas e alegrias do outro e das suas histórias de amor. A troca de pele no corpo biológico coincidiu com uma troca de pele na minha escuta, com o desejo de produção desse entre: uma escuta comigo mesma e com o outro.

Esse foi um novo atravessamento amoroso possível à história de uma Renata, enquanto ia fazendo essa troca de pele no próprio corpo.

Afinal, o amor é coisa de pele. E os encontros que estão por vir também podem fazer passar outras coisas amorosas à flor da pele.

\_\_\_\_\_ que posso eu dizer-vos que não quebre a incomunicabilidade  
das palavras de amor?

(Maria Gabriela Llansol)

Nota amorosa:

Primeiro, experimentei bons encontros com escritas, fotografias, poesias, músicas e distintas composições entre as interrupções e as coisas amorosas relativas à minha própria história. E, aos poucos, saltou o desejo de me lançar à escuta das histórias e das coisas amorosas dos outros. E esse movimento praticado, no entrecruzamento entre interrupções, histórias, coisas amorosas de uma e outras Renatas, também fortaleceu e fez emergir novas escutas e experimentações, como as dos cacarecos amorosos.

Então, passemos destes meus cacarecos amorosos apresentados aos cacarecos amorosos dos outros, escutados e experimentados nos encontros com as participantes do projeto *Escutas de histórias de amor*.



### 3 CACARECOS AMOROSOS

O que fazer com cartas de amor, fotografias, objetos e demais vestígios amorosos que são, em muitos casos, vistos como: *“isso é o que sobrou dessa história”*, *“isso foi o que ficou de quem nem deu mais notícias”*, *“essa é a música do momento mais feliz da minha vida”*, *“ guardei, mas não sei muito bem o que fazer com isso”*, *“nem sei por que tenho isso até hoje”*, *“tenho tantos materiais sobre essa história, posso te trazer mais coisas”*? Escutá-los.

As experimentações propostas com cada participante decorreram de certa sensibilidade em movimentar elementos que ativavam e potencializavam algo naquelas histórias de amor e nos nossos encontros, que eram escutados nas falas de quem as contava. Ou seja, as experimentações foram sendo criadas, considerando as singularidades de cada história de amor e do que ia acontecendo nos encontros.

Quando se fala de amor, cada história traz junto alguns elementos: objetos, cartas, músicas, essa coisa toda que ajuda a contar aquela história de amor e que se compõe bem, ou nem tanto, com ela. Essa coisa toda chamada aqui de cacarecos amorosos: tão singulares a cada história que se compuseram na força com essas escutas.

Os cacarecos amorosos foram acionados e/ou criados para serem experimentados como impulsionadores de novos encontros, pois se relacionavam com um lugar onde aquele processo deseja continuar sendo escutado e também renovado. Portanto, as interrupções de tais histórias que as participantes desejaram contar e escutar trazem também consigo esses elementos, fragmentos ou vestígios amorosos.

As interrupções são, muitas vezes, pontos de parada, separação e corte, e aqui, onde também se busca escutar mais sobre aquela história. Há algo em tais cacarecos amorosos que já se compõe com aquela história e com aquele ponto da história, e mesmo que se queira guardá-los ou se desfazer deles, ou nem mesmo saber o que fazer com aquilo, eles se relacionam com a história e movimentam os afetos. Os cacarecos amorosos compuseram conosco a criação de novas escutas das histórias de amor, dando outros contornos àquela história e àquilo que parecia ter ficado solto ali, depois dos términos, desencontros e separações.

Foram indicadores ou fios condutores também ao ponto que se desejava movimentar afetivamente. Foram impulsionadores da continuidade da escuta das

histórias e, a partir daqueles encontros, também puderam ser transformados em outra coisa e participar de novas composições, como, por exemplo: algumas fotografias soltas de uma história de amor viraram instalação artística da participante em outro contexto e depois foram queimadas; assim como as composições entre danças, cartas de amor e escritas, apresentadas na tese, que foram experimentadas e desdobradas em novas falas e maneiras de escutar aquelas histórias.

Em cada história de amor, escutava quase que uma outra história, a dos cacarecos que vinham junto, algo mais ou menos como: “Oi, tenho essa história de amor que foi interrompida, preciso falar disso, e ainda tenho este material (cartas, fotos, livros, memórias, danças, músicas), que não sei muito bem o que fazer com ele, mas achei que é uma boa oportunidade para trazer e fazer algo; ou: achei uma boa você resgatar ou criar isso que *‘jamais imaginava fazer, como esta dança e esta carta’*, para dar algum endereçamento ao que gostaria de ter dito e não foi possível”. Notava que havia um desejo de guardar e/ou de tocar novamente neles e naquela história, dando algum tipo de destino.

Em alguns casos, os cacarecos soavam como uma espécie de extensão da história, objetos amorosos que acentuavam a identificação com uma imagem ou lembrança que ainda se carrega, de alguma maneira. É Barthes quem nos lembra que “todo objeto tocado pelo corpo do ser amado torna-se parte desse corpo e o sujeito se liga a ele apaixonadamente” (BARTHES, 1981, p. 155). Era como se nos cacarecos se encontrasse algum resquício do encontro amoroso. Eram também como uma lembrança de um tipo de encontro que “se refere ao tempo feliz [...], antes que nascessem as dificuldades do relacionamento amoroso” (BARTHES, 1981, p. 84).

Escutando tais cacarecos, foi-se criando uma nova possibilidade de encontro com aquela história de amor, mas de uma outra maneira, em outros tempos e condições relacionais. Poder endereçar os cacarecos e/ou criar outros, falando e tocando nesses pontos tão fortes e ao mesmo tempo tão delicados, era abrir caminhos e possibilitar novos direcionamentos à própria história, considerando, agora, a escuta das interrupções e suas diferenciações (tendo novos encontros com o que foi interrompido e não pôde retornar, de alguma maneira, e com o que, mesmo interrompido, ainda retorna repetidamente, ou seja, movimentando, ainda que brevemente, a escuta de como se compõe com tais interrupções).

Dar algum destino àquilo é uma maneira de agir e criar com a própria história, é abrir um novo jeito de contá-la e de escutá-la e, ainda, um modo de dar uma

continuidade potente ao que foi interrompido, e de criar novos encontros possíveis, como no caso da escrita de uma carta de amor que não seria entregue, sobre o que gostaria de ter dito ao outro que já morreu.

Nos cacarecos amorosos, há uma presença afetiva potente e pulsante, que aciona memórias e coloca a pessoa na relação com detalhes preciosos da história, com seus afetos e com a sua capacidade de amar, de se relacionar, de transmutar e de criar a partir daquela experiência amorosa.

Cacarecos amorosos, portanto, não foram compreendidos somente como materiais guardados, foram escutados também como rastros ou vestígios amorosos daquela narrativa; foram, ainda, articuladores de viradas analíticas não só em relação àquela história contada (considerando também a minha história), mas também possibilitaram a abertura da escuta a outras histórias e coisas amorosas que apareceram entre falas e escutas, para além da história escolhida para ser contada.

Aqui, retomo as crianças e seus cacarecos, que me ensinaram que, às vezes, um gesto aparentemente simples e de onde menos se espera, como as brincadeiras que criamos com seus “cacarecos”, as histórias que contamos, as músicas que dançamos, ou qualquer outra experimentação, aqui em nome de um compromisso ético e também amoroso, pode ser valioso, liberar fluxos e abrir caminhos vitais inéditos.

O ponto onde a criança é “interrompida” pelos outros é também o ponto de onde ela extrai, à sua maneira, algum aprendizado, uma curiosidade e a retomada da criação de novos fluxos, da invenção de novos jeitos de brincar e de viver, na sua inocência.

Então, cacarecos são coisas amorosas que experimentei e que criei no encontro com as diferentes histórias e suas coisas amorosas.

O nome “cacarecos” surgiu da minha experiência com as crianças ao meu redor. Elas possuem um pote de brinquedos menores, chamado de “cacarecos”; e, mesmo que se empolguem com outros brinquedos, elas adoram brincar com eles. Os cacarecos, diferente do que diz o dicionário, que os define como: “Traste velho e de pouco valor”<sup>3</sup>, para as crianças são sempre importantes, potencializam as suas brincadeiras.

---

<sup>3</sup> Michaelis on-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/3m4w/cacareco/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

As crianças possuem uma zona aberta e versátil, são menos presas a formas, gêneros e rostos. Elas podem ser muitas coisas. E essa coisa amorosa que atravessa os encontros com as crianças virou uma referência de experimentação: a abertura ao encontro com essa inocência, simplicidade e amorosidade das crianças vibrava junto nas minhas relações com os outros. Coloquei-me, portanto, atenta ao que acontecia ali, em cada encontro e nas histórias de amor contadas. E, assim, passei a criar uma relação entre coisas que aparentemente não estavam conectadas. Coisas amorosas e singulares aqui se conectam, se agenciam entre as histórias das diferentes Renatas. Essa coexistência de coisas e relações, que ressoavam com a minha história, se entrecruzaram e passaram a se compor entre si: fizeram música, cartas de amor, danças, crianças e outros cacarecos amorosos passaram e darem passagem às escutas naqueles encontros e aqui na tese.

Figura 3 - Experimentação com fotografias (cacarecos amorosos)



Fonte: arquivo pessoal.

#### 4 A HISTÓRIA DE UMA OUTRA RENATA: A MENINA DO RIO

Uma história sempre guarda outras histórias dentro dela. E, em toda história, há o que se escolhe dizer, o que se escolhe não dizer, e há o que, ainda assim, escapa.

Na história da menina do rio, a limitação de escolha do que expressar ou não sobre a sua história foi o próprio processo que escolhi percorrer, contar e escutar um pouco mais, também aqui na tese, porque traz muitas ressonâncias com o que contou sobre a sua história de amor e com o que foi trabalhado, tanto no momento da sua participação quanto depois, e porque atravessar esta escrita me permitiu potencializar ainda mais os meus próprios processos de escuta.

Conto, então, a história entre as escritas e a história de amor contada. Trabalhar a escolha do que trazer para a escrita desta história me possibilitou movimentar um pouco mais o *entre*, encontrar uma escuta possível entre o cuidado de si e do outro e praticar um constante processo de avaliação e abertura para novos encontros vitais, diante das tantas interrupções encontradas na travessia entre desejos diferentes.

Entendo que a escrita é também escuta da liberdade e dos cortes, ou das interrupções que enfrentamos pelo caminho. E estas escolhas não são fáceis, pois há, em uma escrita como esta, várias teses. Em uma vida, várias vidas. Em um mar, vários rios. E a importância desta tese está *entre* essa coisa toda, na sua própria travessia.

Como disse, rios são muitos. E a escrita também pode ser um encontro entre rios, em que não se sabe até que ponto é rio, até que ponto é mar, onde termina o rio e começa o mar, onde o rio se junta ao mar. Assim, posso ver a minha história em uma outra história, e, nesse vai e vem, considerar suas singularidades.

Então, primeiro vamos à travessia do rio, para, depois, nos encontrarmos com a escrita da primeira história de amor, a de Renata, a menina do rio.

Às vezes, vivamente atingido por alguma circunstância fútil e envolvido pela repercussão que ela provoca, me vejo de repente numa armadilha, imobilizado numa situação (num sítio) impossível: só há duas saídas (*ou...ou então...*) e as duas estão igualmente trancadas: dos dois lados só tenho que me calar.

(Roland Barthes)



Figura 4 -O rio  
Fonte: arquivo da menina

Renata foi a primeira participante on-line do projeto, e essa escuta foi desafiadora desde o primeiro momento.

Antes de contar a sua história, ela iniciou com a ênfase na seguinte questão: “Como em uma sessão clínica, o que é dito aqui é dito aqui, e você vai ver o que vai colocar no trabalho, não é? A minha história não vai ser explicitada diretamente na tese, mas vai passar pela sua escrita de outro jeito, né?” Confirmei e também questionei, a ela e a mim. E continuei tentando escutar o que não se queria mostrar na sequência da escrita desta tese, mas que ainda não havia sido dito.

Ao procurar pelo projeto *Escutas de histórias de amor*, Renata foi informada de que esta prática de experimentação seria desdobrada em uma tese de doutorado. Mas, se logo na primeira fala, ela já anunciou um desejo de “interrupção” de algum conteúdo desta escrita ou de tornar público algo privado que ela mesma escolheu continuar contando naquele contexto, mesmo sabendo que a tese seria publicada, resolvi escutar um pouco mais os seus incômodos, enquanto ia conectando a história de amor contada a esse pedido. A princípio, apenas pontuou que tinha muitas questões delicadas para cuidar e que falaria mais delas no decorrer dos encontros.

Após essa sua intervenção inicial, na minha primeira tentativa de escuta, os desafios relacionados à escrita dessa história continuaram e me acompanharam durante todo o processo. A partir de então, essa experiência de escuta com Renata, a menina do rio, foi trazendo outras questões e reverberações importantes para a minha escuta e escrita.

Essa sua primeira fala, que convocou alguma “interrupção” ou o anúncio de uma possível mudança de direcionamento ao movimento do outro, aqui relacionada às minhas escolhas e escritas, e sobre algo que ainda não estava dito explicitamente por ela, já começou a me indicar atenção às demais interrupções e seus efeitos em sua história e também em nossos encontros.

## Onde o rio faz a curva

Desde o início e ao escutar um pouco mais sobre a sua história, fui me percebendo enredada pelas seguintes problemáticas: como dizer destes movimentos amorosos, sem cair em um tipo de aprisionamento do outro nesta escrita? Como fazer uma escrita que não se alia com tantos padrões sociais, uma problemática já tão presente na sua história de amor? A cada encontro e escrita desta história, ia me perguntando como fazer isso e ao mesmo tempo proteger a confidencialidade dos pontos delicados da sua história, enquanto tentava escutar um pouco mais quais pontos a incomodavam.

Empenhei-me em acolher um cuidado entre esses desejos – porém, no início dessas escutas e escritas, também me percebi começando a ocupar outro lugar, o de limitar a minha escuta ao desejo do outro: um entre ficar aprisionada e silenciada pelo desejo do outro e, ao mesmo tempo, tentar trabalhar de diferentes maneiras para proteger o desejo do outro. Então, aos poucos, também passei a escutar quais pontos me incomodavam diante dos limites e interrupções que o outro trazia e onde a minha própria escuta analítica estava limitada. Enquanto atentava às minhas fragilidades naqueles momentos, também fui abrindo espaço para a sustentação do meu desejo de escuta e escrita desta história neste trabalho.

Comecei a notar ainda que, tanto nas falas dos outros da sua história quanto comigo, nos nossos encontros, ela demonstrava menos atenção e envolvimento com o que se passava com os outros. Nos encontros que tivemos, também pude experimentar esta dinâmica, na qual recebia algumas limitações à continuidade dos meus processos de escrita e escuta da sua história e pouca atenção ao que se passava de cá, com este outro, com o acordo feito, com o qual estava se envolvendo.

Ou seja, o que se mostrou muito e continuou aparecendo com força, também nos nossos encontros, foi onde se sofria de limitações vindas do outro, e o que se escondeu, interrompeu ou não se quis mostrar tanto foi onde também se limitou o movimento do outro. Então, nestas práticas de escutas com ela, propus diferentes experimentações e modos de movimentar a escuta de si e do outro da relação.

E foi escutando um pouco mais e reavaliando as minhas posições diante do outro que também fui fortalecendo o desejo de ampliar a minha condição de escuta analítica, potencializando seu critério ético, que não necessariamente corresponde a um desejo do outro. Como aponta Rolnik (2014), ao se referir à prática do cartógrafo,

que se aliança a tais escutas: “o critério do cartógrafo é, fundamentalmente, o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento” e “tanto seu critério quanto seu princípio são vitais e não morais” (ROLNIK, 2014, p. 68). O que interessa, portanto, é “o quanto a vida está encontrando canais de efetuação” (ROLNIK, 2014, p. 68).

E, junto das análises e supervisões que me acompanhavam nesse momento, continuei movimentando a escuta da força dessas interrupções, tanto em relação à sua história quanto na minha e nos nossos encontros, e os seus impactos sobre esta escrita.

### **O amor está sempre transbordando**

Será que tudo que eu gosto é ilegal, é imoral ou engorda?

(Erasmoo Carlos, Roberto Carlos. *Ilegal, imoral ou engorda*)

Transbordo (estou transbordante), acumulo, mas não me restrinjo a completar o que falta até a beirada; produzo um *demais*, e é nesse *demais* que acontece o transbordamento [...]

(Roland Barthes)

Quando convocada a contar sua história de amor, Renata trouxe prontamente uma problemática presente em seus encontros amorosos, relatando também estar em processo de elaboração psicanalítica em outro contexto. Mostrava-se muito articulada e atenta diante da posição que se via ocupando naquela trama. Logo no início da minha intervenção inicial, “conte-me sua história de amor”, ela prontamente respondeu:

*“Essa problemática da monogamia, do amor, é um problemão: a gente não cabe em script, em formatos, ninguém cabe. Algumas cabem mais, outras menos, mas eu não caibo. O amor está sempre transbordando... E essa lógica de escolher entre um ou outro, eu acho muito estranho”.*

Renata atua na área da saúde, tem 44 anos e é casada há 22 anos com Fábio, com quem tem uma filha de 9 anos. Durante 24 anos de relação, entre idas e vindas, ela relata ter tido outros apaixonamentos e ter vivido alguns deles, mas ainda muito incomodada, com uma sensação de que “*havia algo de errado*” com ela.

*“A minha questão de amor é que, desde que eu me lembro por gente, para mim, não fazia sentido estar todo o tempo com uma única pessoa. Tem a ver com um modo afetivo de estar na vida, mas quando eu era nova, parecia que o problema estava comigo, não sabia por que não conseguia ser monogâmica”.*

Após algumas viagens para fora do país e trocas de experiências com pessoas do mundo todo, ela começou a perceber que estava inserida em um modo de pensar o amor muito influenciado pelo que considera uma “visão interiorana mais fechada” e também pela separação dos pais.

Então, ela morou em várias cidades, fez faculdade e pós-graduação em outras tantas, além de residência artística fora do país. Conta que, com essas experiências, foi compreendendo que existiam outros modos de vivenciar o amor e foi abrindo a conversa, aos poucos, para o seu marido, e ele optou por experimentar vivências extraconjugais com ela: algumas triangulações amorosas surgiram, mas ela conta que sempre era uma demanda dela, que tinha o desejo de viver isso com ele e envolvê-lo nas tramas.

*“Tenho ou tinha esse desejo de viver algo que fosse junto, todo mundo sabendo e convivendo. Era sempre com homens e com pessoas que chegavam através de mim, e ele se abriu para isso. Não fiquei com muitas pessoas na minha vida toda. Mas eu tenho um interesse grande pelo que é humano e pelas pessoas. Sou muito apaixonada por isso”.*

O casal também teve uma filha, que ela conta ter sido muito esperada por ambos. Nos dois anos seguintes, percebeu-se “sufocada nesse lugar da maternidade” e passou a se dedicar a um projeto que envolvia um rio.

Após a maternidade, começou a se relacionar com amigos do seu marido, situação em que todos os envolvidos estavam cientes. Diz ainda que os dois homens não se sentiam tão confortáveis quanto ela neste formato de relação (mas não havia envolvimento entre ambos os homens). Apesar desses desconfortos, ela conta que permaneceram um tempo juntos porque ela se apaixonou por eles. Em sua visão, houve algo que interessou a todos, tinha um afeto importante ali, mas complementa que, ao mesmo tempo, sempre ficava um mal-estar para eles.

A partir do ano passado, passou a desejar e a viver uma outra paixão, mas não estava colocando a possível separação do atual marido como uma problemática nesse seu movimento. Perguntava-se sobre o que teria com o marido para além de uma longa e incrível história e de uma parceria no cuidado com a filha. Essa indecisão

acentuou-se com a entrada dessa outra pessoa em sua vida, um nadador estrangeiro com quem vivenciou outro amor, que chama de um “amor-corpo”.

Neste momento, pergunto a ela o que aconteceu nesse encontro com o nadador e o que a atrai em relação a ele. Ela responde dizendo que *“foi o fato de ele nadar e ter uma relação forte com a água. Foi um encontro incrível para mim, nos conectamos imediatamente nesse lugar. Conteí que sou casada, ele contou que estava indo embora do país em breve, mas nós nos apaixonamos e nos conectamos. Eu me entreguei para viver isso, acho que não fui cuidadosa com o meu marido, mas ele começou a perceber que tinha algo errado, então eu falei. Ele ficou muito mal, pediu para que eu não encontrasse o outro mais, mas eu não aceitei essa possibilidade. Ele não se retirou da relação, mas ficou muito incomodado, e a nossa relação também mudou”*.

Recoloco a pergunta sobre o que aconteceu na relação com o nadador e, nesse encontro, e por que não daria para fazer este recuo em relação a ele. Ela coloca que *“Ele é muito legal. Ele tem uma coisa de solidão, construiu coisas, e está muito em pé na própria vida. Ele nada, trabalha com esporte, não o vejo como mulherengo, parece saber estar sozinho e está ok com isso. Esse lugar me encantou nele e não dava para recuar de conhecer mais alguém que vive isso. Além disso, tem uma questão corporal nossa, que eu tinha muita vontade de viver no meu corpo, da descoberta de estar com o outro e o outro comigo. E é incrível estar com ele, tão carinhoso e amoroso”*.

Renata enfatiza o que se passa naquele encontro: *“É como se tivesse acontecido algo xamânico depois desse encontro. Não são todos os nossos encontros que são assim, mas tem algo de uma movimentação energética, amorosa, é algo tão grande, que nem sei dizer. Penso que sou outra, não sei o que aconteceu, não dava para recuar dessa experiência comigo mesma e do que estava acontecendo nesse encontro, que eu já desejava há muito tempo, e que já tinha me aberto para viver isso com outra pessoa, mas com ele fazia mais sentido viver. Eu me senti convocada a abrir outros lugares em mim e me senti muito segura com ele. Me sinto muito respeitada, confio nele, ele tem algo de chão também muito forte. Acho que é um amor-corpo, que eu não vivi tanto com outras pessoas”*.

Por outro lado, apresenta e enfatiza os desencontros e as possibilidades de interrupção dos dois relacionamentos: *“É muito bom quando você tem um encontro que possibilita viver algo que gostaria de viver e que não viveu ainda. Mas ele solicita o lugar da monogamia para mim e diz que não dá conta de manter isso. E nem de eu*

*ficar com o meu marido e com ele. A gente também está em um momento de não saber se continuaremos, não só porque ainda não me resolvi com o meu marido, mas também porque eu sou uma 'mulher inapropriada', de certo modo, apesar de ele colocar a culpa nele, dizendo que é ele que não dá conta, e que entende como eu sou. Por isso, tentamos nos falar menos, estamos mais distantes agora, apesar de eu não me sentir assim. Entendo que ele tomou essa distância para ter um espaço, sentir e pensar sobre tudo”.*

Eis aí, portanto, um ponto central dos conflitos: seu desejo de viver um amor mais liberado de certos padrões sociais passa a ser interrompido pelo desejo e limitações vindas do outro. Ela conta que o marido aponta seus limites em aceitar a sua relação com outro homem, mas ainda assim tenta mobilizar seus afetos e achar um modo possível de permanecer junto dela, e o nadador também aponta seus limites a esse formato de relação; dizendo ainda que se responsabiliza por não conseguir viver uma relação não monogâmica e convocando-a a uma escolha entre ele ou o marido.

Em contraponto, ela pontua: *“Falar que em 24 anos eu estaria em monogamia, para mim, seria uma doença, seria algo que eu ia achar bem esquisito. Mas, de todo jeito, não quero dar garantia e nem promessa para ninguém e nem quero exigir nada disso de ninguém. Conversar abertamente era minha postura, no geral, com todo mundo”.*

Pergunto, então, o que mudou nas suas relações após esses outros encontros e ela responde que hoje, em relação ao marido, estão *“meio separados”*, mas que não consegue se sentir separada e nem se separar dele ainda. Moram na mesma casa e ainda não sabem o que fazer. Lembra que, desde que tiveram a filha, *“curtiram muito a gravidez”* e os dois primeiros anos dela, mas que depois algo mudou e ela começou a acentuar outros desejos, de viver outras relações além da que tinha com ele.

Diz que o cotidiano deles também ficou *“mais amarrado”* e acredita que a vida e a rotina no interior potencializaram isso. Então, esses assuntos e vivências foram ganhando mais espaço também com o aparecimento do nadador. Ela acrescenta que: *“Independente de ficar junto com o meu marido ou não, não gostaria de fazê-lo passar pela confusão que isso virou de novo, é um momento delicado; me sinto mal de não estar conseguindo dar uma resolução para alguma coisa, mas realmente não estou conseguindo. Percebo que os últimos três meses foram uma super deriva de amor,*

*mas tem a vida concreta, o dia a dia. Tenho muitas coisas para cuidar. Quando vejo, foi muita intensidade junto, uma deriva mesmo, uma loucura em três meses”.*

Nos encontros seguintes, ela relata que algo já está mudando em relação ao nadador, pois ele está se afastando e enfatizando seus limites, ao mesmo tempo que lhe convoca à escolha entre ele ou o outro e a uma posição monogâmica. *“Não sinto que eu devo dar um lugar de uma garantia para o outro estar comigo e nem o outro para mim”*, complementa.

Pergunto se ela sente essa intensidade nas outras relações também e ela responde: *“Essa intensidade que tenho na vida, com amigos e trabalhos, não gera problema. Não tem briga, cobrança, tabus e dores. Elas fluem diferente. Elas têm um tempo diferente. No âmbito amoroso, há esse outro lugar problemático de tudo que vem junto: o ciúme, a escolha de um ou outro, o sofrimento das pessoas envolvidas”.*

Renata também mantém uma prática de escrita sobre o rio e enfatiza que isso a conecta com a vida; além disso, guarda áudios e escritas que os envolvidos trocaram nesse período, e trouxe aqui o desejo de visitar esse material já feito. Ela complementa: *“eu posso acrescentar mais coisas, né? Eu também gostaria de mandar os áudios para você. É uma coisa que é forte na minha escrita é que eu escrevo na máquina de escrever, levo ela para o rio, é uma materialidade outra. Recortar, colar, continuar escrevendo. Eu gosto das escritas na máquina. Vou te mandar tudo”.*

### *Cuidado com o outro*

A menina do rio chegou contando uma história de amor que começou com a ênfase em um possível término de um relacionamento, sucedida pela narrativa de um outro amor que apareceu, fluiu ao seu modo, mas não sem enfatizar o que não fluiu, a temática da interrupção, das separações, dos desencontros. Pouco a pouco, essas escutas e experimentações foram se propondo a movimentar a história também em direção a outros amores: ao rio, à escrita, à escuta atenta de si e do outro e à filha.

Algumas tônicas que apareceram na sua história de amor também foram trazidas diretamente por ela para serem trabalhadas: *“quero trabalhar um pouco mais um cuidado entre o meu desejo e o desejo do outro”.*

Nos nossos encontros, noto que é muito falante e que sua fala, na maioria das vezes, é forte, marcante e um tanto acelerada; falando rápido, ela conta que tem dificuldade em criar uma solidão no meio da vivência daqueles relacionamentos.

Relembro que perguntei o que chama sua atenção em relação ao nadador, e ela respondeu que *“ele tem uma coisa da solidão, que parece saber estar sozinho na vida e estar ok com isso. Esse lugar me encantou nele e não dava para recuar de conhecer mais alguém que vive isso”*. Proponho, então, uma prática de experimentação de uma escrita dela no rio, com sua máquina de escrever, como um modo de movimentar um distanciamento em relação aos sujeitos dessa história, e também o desejo de se conectar com a solidão, que ela trouxe como apaixonante nesse outro e que dizia não estar encontrando. Ela realizou essa prática a sós com o que ia se passando ali entre ela, a escrita e o rio, no imediato do encontro. Uma escrita mais liberada dos outros, de alguns outros, deixando-se afetar por outras presenças: respiração, vento, terra, mato, som e ritmo do rio.

Ela conta que essa prática em silêncio com a escrita no rio possibilitou, de imediato, a intensificação de uma sensibilidade corporal e, posteriormente, de uma calma; foi um jeito de produzir um silêncio no corpo e no pensamento em relação aos outros daquela história e de encontrar-se com uma solidão inesperada: *“achei que ia só falar sobre essa história, mas foi interessante essa abertura para o silêncio, de eu me separar um pouco disso tudo e poder respirar de outro jeito”*. Ainda que por breves instantes, ali pôde experimentar se “separar” desses outros.

Observo que, em todos os encontros, ela pontua que o líquido chama muito sua atenção e que há uma conexão forte entre a sua história e o rio. Usa também muitas palavras relacionadas a esse universo e conceitos que vai associando a um “fluir com o rio”, tais como: fluxos, forças, atravessamentos, desejos, o que pulsa, todo um repertório. Em muitos momentos, nas suas falas, faz menção à água e ao fluir da água, e aos poucos vai mostrando o que sente que flui e o que não flui bem na sua história. Enquanto conta o que não flui bem, o quanto está saturada de convenções sociais e dos outros limitarem seus desejos, vou relacionando a sua movimentação a um modo de funcionamento da água quando se encontra represada e aprisionada pelas margens; e que, a partir daquele ponto de interrupção, pode vir a transbordar e escapar a qualquer momento.

Por outro lado, enfatizou diversas vezes que a escrita é um lugar em que ela flui bem. Tentei escutar um pouco mais o que seria esse fluir e esse não fluir, e notei que a escrita poderia ser uma boa ferramenta para acessar outras camadas afetivas. Neste caso, resolvi também me movimentar um pouco mais, convocando uma ousadia

maior nas minhas intervenções, e experimentando modos diferentes de escutas e escritas, para acompanhar os seus movimentos.

Após os primeiros encontros em que falou e escutamos mais sobre a sua história, propus que realizasse uma primeira experimentação com a escrita: a princípio, que escrevesse livremente sobre algumas perguntas disparadoras que fui pinçando de suas próprias falas, dentro da temática que ela trouxe que gostaria de trabalhar: “cuidado de si e do outro”. Entre elas: O que se passa com você? O que se passa com o outro? E com a relação? Onde há cuidado e onde há descuido?

Vieram estes e vários outros materiais escritos, que ela já tinha desenvolvido sobre esta história, também sobre a questão da sua possível separação – cacarecos amorosos que continuaram sendo escutados nos encontros, além de falas que trazia dizendo que gostaria de trabalhá-los. Assim, cada vez mais, foi trazendo novas escritas e direcionamentos de práticas que achava interessantes, para além do proposto. Fui notando sua empolgação com uma alta demanda de material e o que se esperava das escutas e escritas. E, nesse primeiro momento, ela comentou que esse processo de escrita livre sobre a temática que gostaria de abordar “fluiu bem”, que ela se conectou com essa escrita de imediato e que gostou de ter feito a prática.

Em um segundo momento, resolvi acionar um tipo de interrupção como intervenção analítica. Propus novas experimentações com escritas, colocando-me como este outro que apresentaria limites, no próprio formato da escrita e na linguagem, e novos direcionamentos das práticas que até então ela vinha gostando de realizar.

Uma dessas proposições foi a de formular perguntas incitando uma espécie de “contranarrativa”, movimento que chamei de “nadar contra a corrente”, no “contrafluxo” do que ela já havia dito anteriormente. Trabalhamos algumas perguntas e provocações nesse e em outros encontros, tais como: O que você quer interromper na relação? O que falta terminar? Onde você descuida do outro? Como você também se movimenta para fluir com o outro? O que te mobiliza à separação? O que também te faz querer ficar?

As perguntas propostas para escrever a respeito vieram da própria fala dela e de afirmações que fez sobre o outro, mas que, na proposição, foram direcionadas para ela, invertendo a posição dela na relação com o outro. Em algumas dessas provocações, acordamos um limite na extensão da sua escrita: “experimente escrever sobre tudo isso que falou, como puder, em apenas uma página”. Assim, foi possível

notar a sua movimentação, também na escrita, diante desse outro que limita o “fluir bem e livremente” e que, ao mesmo tempo, a convida ao deslocamento de sua posição.

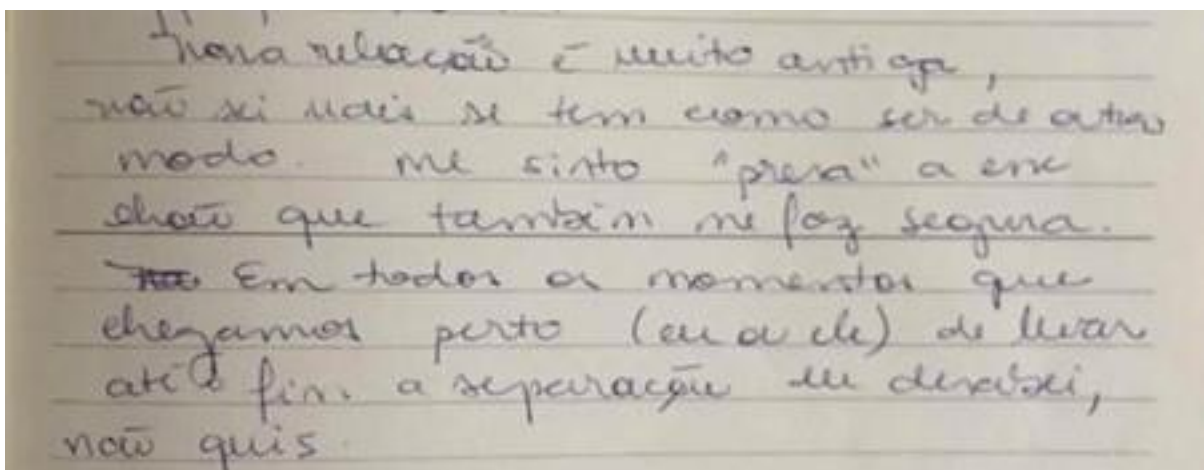
Nas escutas destas experimentações, ela pôde atentar às diversas demandas que também faz ao outro, que tiveram ressonância nos nossos encontros, já que chegou trazendo o que queria trabalhar – sugeriu acrescentar escritas que já tinha e outras que fez para além do que trabalhamos –, o que gostou nas propostas (“*fluiu bem*”) e o que não gostou (“*não fluiu bem*”), e que queria ir acompanhando o que eu fosse escrevendo; e depois continuou propondo acrescentar outras escritas que achava interessantes para complementar minha escrita desta tese.

Suspeitava que tais intervenções propostas poderiam não corresponder a certo modo de funcionamento do que ela “esperava” continuar encontrando no projeto, podendo até aumentar sua resistência e levar ao desinteresse. Entendo que nesses momentos corri vários riscos, inclusive o de ela interromper o processo. Mas, nesse primeiro momento, ela participou das práticas e continuou os encontros.

Renata comentou que essas escritas relacionadas às perguntas e às outras provocações que continuei incitando com esse foco, em encontros posteriores, com limitações à linguagem e ao formato da escrita, chegaram racionalizadas demais para ela, mas topou a tentativa e continuou as práticas, contando ter tido maior dificuldade de se conectar e de “fluir”, até mesmo na escrita, em processos mais racionalizados como esses, que acabam se tornando desinteressantes. Ela mesma trouxe uma relação que fez com o seu próprio processo de separação e uma carta que havia escrito sobre isso: “*parece muito com isso, tem um momento em que eu não vejo mais graça, quando cai na rotina, nessas formatações, aí desencanto*”.

Esta foi uma forte questão apontada nos seus relacionamentos: diante das limitações que os outros apresentavam a ela e de convocações de escolhas entre um ou outro, ela se desencantava. Tentou várias vezes se separar do marido, mas eram muitas as dificuldades que sentia: “*não conseguia dar uma solução para aquilo*” – é o que aponta nesta carta que escreveu dentro de uma das proposições feitas:

Figura 5 – Fragmento de carta



Fonte: arquivo da menina do rio.

Nessas práticas, embora tenha achado desinteressantes, notou que não precisou escolher entre um ou outro, entre o seu desejo ou “o meu”, mas pôde permanecer e escutar um pouco mais o que acontecia naquela relação entre um e outro, ainda que brevemente. Ao continuar as escutas, pôde falar, escrever e atentar às suas dificuldades frente às limitações que o outro lhe apresentava, mas também às suas limitações de escuta do outro.

Nesse momento, começamos a trabalhar um pouco mais as diferentes interrupções dessa história. Assim, criou, à sua maneira e mesmo que brevemente, um ponto de atenção em relação à continuação da escuta como um modo de cuidar desse *entre* o desejo dela e o do outro, que havia dito que gostaria de fazer. A continuação dessa escuta também foi mostrando que, entre o desejo dela e o do outro, havia muitas interrupções acontecendo, e que esse cuidado poderia ser fortalecido na escuta atenta dessas interrupções, até mesmo das que convocam o outro.

Em diferentes contextos dessa história, o que se repete e se conserva é a interrupção, tanto vinda do outro quanto sendo direcionada ao outro, porém de maneiras diferentes: quando vinha do outro, a interrupção era mostrada e falada por ela como tal; já quando acionada por ela mesma, a interrupção era menos explicitada e escutada.

Repetidas vezes, a interrupção saltou não só na história contada, mas nos nossos encontros: em face das possibilidades de interrupções que recebia do outro, o desejo se despotencializava, perdia sua força ativa. Ali também eram convocadas novas interrupções e retornos para uma posição ressentida, reativa e combativa em

relação ao outro. Daí a importância de reconhecermos e não nos submetermos aos afetos reativos em nós, investindo em tais processos de desidentificação e agenciando modos de existência que desestabilizam o poder, mas não no sentido de ter a tomada de poder como alvo. Aqui, o combate não se faz por negação ou oposição ao poder, mas pela afirmação e investimento em uma micropolítica ativa (ROLNIK, 2019).

As escutas e experimentações propostas se movimentaram acionando e destacando a própria interrupção, colocando-a para funcionar de diferentes maneiras, insistindo na provocação de uma “escuta das interrupções”, de como se relaciona com elas, e também das suas diferenciações – algo que já experimentava ali, nos nossos encontros, ao considerar uma escuta atenta de si, mas também “do outro”, de onde se enfatiza mais a sua problemática.

Ou seja, cuidar um pouco mais desse entre, como ela trouxe que gostaria de fazer, coincidiu com a continuidade de uma escuta atenta de si e do outro e do ponto onde as interrupções atravessavam os desejos, de como se experimentava tais interrupções e como ainda era possível encontrar novas maneiras de experimentá-las – e até mesmo encontrar novas interrupções onde nem se esperava.

Uma escuta que envolve a consideração constante de onde uma interrupção, naquela história amorosa, está se confundindo com a interrupção ou despotencialização da vida e das relações amorosas – ou seja, com a interrupção de uma escuta da vida.

Assim, a escuta como aliada ao investimento de uma transformação subjetiva combate as práticas homogeneizadoras que bloqueiam e interrompem a potencialização da vida, pois visam a reorientação da força vital, em sua potência criadora, habitando a linguagem nos planos da expressão do sujeito e do fora-do-sujeito, que se movimentam e se transformam (ROLNIK, 2019, p.132).

A escuta das interrupções que se repetiam nos nossos encontros continuou sendo um ponto de atenção, mostrou um pouco mais, mesmo que não quisesse, onde também se descuida de si e do outro. Onde se comparece na escuta e onde não se comparece, onde o desejo perde a força e interrompe a própria escuta – e a continuação do projeto, das escritas e de outros encontros. Um ponto de atenção onde a vida se despotencializa e até pode interromper uma coisa no lugar da outra.

Ali onde se tenta combater os sistemas de crenças, julgamentos e padrões sociais, ou resistir a tais processos homogeneizadores que operam nos

relacionamentos amorosos, também se pode escutar as estratégias que se tem tentado criar frente ao que despotencializa a vida. No sofrimento e na revolta, há intensidades que, naquelas condições, não encontram outras maneiras de expressão, de agenciamento, de reconhecimento e de liberação da força vital criadora. E, mesmo nos casos em que se resiste a tais processos homogeneizadores, pode-se continuar investindo em “matérias de expressão que lhe tragam rendimento narcísico seguro: o critério de suas escolhas é, por isso, necessariamente moral” (ROLNIK, 2014, p. 193). Assim, a força ativa do desejo também pode ser convertida em força reativa contra a sua própria expansão (ROLNIK, 2014). Nesse sentido,

[...] não basta subverter a ordem dos lugares destinados a cada um dos personagens em jogo na cena das relações de poder (insurreição macropolítica), é preciso abandonar os próprios personagens e suas políticas de desejo (insurgência micropolítica), inviabilizando assim a continuidade da própria cena [...] (ROLNIK, 2019, p. 116).

As subjetividades reduzidas ao sujeito vivem a causa desse mal-estar como problema seu ou a projetam no mundo (em uma pessoa, um povo, uma cor de pele, uma ideologia etc.), entram em um jogo de culpabilização, responsabilização do outro e de si, restringindo-se apenas a uma lógica opositora entre um ou outro, e reduzindo o que deriva da diminuição da potência vital a um critério de julgamento moral, ao combate entre sujeitos (ROLNIK, 2016, 2019).

Porém, quando se amplia o alcance da força gerada no encontro (e nas distintas experiências amorosas), sob o princípio ético da expansão da vida, tais modos de subjetivação criam novas alianças e maneiras de existir que produzem realidade e orientam as ações de preservação da vida. Há, portanto, uma ativação da potência na decifração do mundo a partir da condição de vivente, da conexão com a experiência subjetiva extrapessoal, pautada em uma micropolítica ativa (ROLNIK, 2014). Ou seja, o que importa é não interromper “os processos de subjetivação impulsionados pela tensão entre o pessoal e o extrapessoal” (ROLNIK, 2019, p.143), que permitem uma transformação efetiva da realidade e as “metamorfoses das políticas de subjetivação e dos novos modos de existência que com elas se criaram” (ROLNIK, 2019, p.143), aqui mais especialmente quando uma interrupção se impõe e se mistura com outras tantas.

Ou seja, ao escutar e cuidar de tais interrupções, também pode-se encontrar uma nova maneira de cuidar desse entre o seu desejo e o do outro, entre “rios

distintos”. Ao considerar a escuta de onde já se viu sufocada, também é possível liberar novos fluxos, encontrar outros respiros e olhar para novas histórias de amor que continuam acontecendo ao seu redor.

*Um pouco mais perto do fim*

Em todos os momentos que chegamos perto (eu ou ele) de levar até o fim, à separação, eu desabei, não quis.

(A menina do rio)

Renata participou ativamente de todas as experimentações, porém, antes do último encontro, em que iríamos trabalhar uma carta de amor à filha, ela pediu para remarcar. Nesse último dia em que nos encontramos, a sua fala final foi: “*quero muito acompanhar o seu trabalho de escrita da escrita*”, referindo-se a esta tese. Na semana seguinte, ela também remarcou. E passados pouco mais de 15 dias sem notícias, tentei criar mais uma oportunidade de nos escutarmos, correndo alguns riscos ao também convocar o meu desejo de continuidade das escutas.

A princípio, pensei que essa interrupção do outro poderia ser escutada apenas com o intuito de atender àquele desejo. Porém, ao escutar um pouco mais a sua história e o que aconteceu naqueles encontros, considerei convocar o meu desejo à cena e resolvi entrar em contato com ela para reafirmar que a escuta, aqui, ainda continua, mesmo diante dessa sua interrupção, convocando a abertura de uma nova escuta daquela interrupção e do que se passa com ela, e me colocando como o outro que também movimenta a sua própria escuta, que se desloca também de certas convenções, padrões e limitações do que se poderia esperar de certo tipo de escuta, ou que vai demonstrando, ao seu modo, até onde poderia ir aquela escuta singular. Vi ali uma possibilidade analítica interessante para abrir a escuta daquela interrupção em direção a um entre: os desejos e os cuidados envolvidos nesta relação e um modo de ativar sutis movimentações de posições que poderiam continuar sendo escutadas.

Pergunto se ela queria interromper as escutas assim mesmo, antes do último encontro que havíamos combinado. Ela diz que tinha passado muito tempo, algo próximo a duas semanas, mas que poderia remarcar, caso eu achasse pertinente. Pergunto se ela achava pertinente, e afirmo que acho. Ela complementa que, então, iria propor um novo dia. Resolvi aguardar sua proposta de reagendamento, que não

chegou, interrompendo assim este processo. Isso, a princípio, me remeteu a algo como se já não desejasse mais, como se já “estivesse em outra”, mas me deixando ali, desejando ou esperando sua resposta, sua participação.

Curioso interromper justo no último dia, em que propus a escuta de uma carta de amor à filha, que já havíamos combinado de ela trazer. Mas, como a escuta dessa coisa toda não foi continuada com ela naquele momento, movimentei novos encontros, escutas e escritas com esta história e com tais interrupções, pois isso não interrompeu o meu processo de escuta e a continuidade desta escrita. A observação de que aqui tem escuta e de que esta continua acontecendo permanece, considerando também o inesperado inerente aos encontros ou aos próprios desencontros.

Reconsidero nossos encontros e noto que ela iniciou o projeto convocando um tipo de interrupção à minha escrita, algo que o outro precisaria cuidar a seu respeito, e terminou com uma interrupção da sua participação no projeto, sem cumprir o combinado, mas falando que o faria, deixando o outro na espera de sua resposta. Diante de tais interrupções, coloquei-me algumas questões: será que algo não a interessou mais? O que seria isso que ela quis interromper? Seria isso mesmo?

Mesmo depois de um tempo, quando ela voltou a me procurar querendo saber sobre a escrita da sua história, recoloquei novas questões que também se relacionaram com as que propus anteriormente às suas histórias de amor: e o que interessa agora? O que a faz voltar e querer saber mais agora sobre a continuidade de algo que, anteriormente, interrompeu? Que ponto foi esse que a fez parar e não cumprir o combinado, que seria o de mais um encontro? Em que ponto a escuta e a escrita precisou ser interrompida? A princípio, noto ser na altura em que ia escrever uma carta de amor à filha. Depois, me recordo que, ao contar sobre sua história de amor, ela havia falado da filha brevemente, apontando uma mudança nos seus desejos justamente após a maternidade. Apesar de ela ter passado rapidamente por esse ponto, havia proposto retomá-lo nesse último encontro, a partir das escritas – um meio em que dizia “fluir bem”, e retornaríamos ali, justamente onde havia relação com uma interrupção importante na sua história. A partir do que contou, me ocorreu convocar um pouco mais de escuta sobre como a função materna estava sendo experimentada, suspeitando estar acontecendo algum tipo de oposição entre esse “fluir mais liberado” como mulher desejante e desejada em suas relações amorosas e esse outro desejo, relacionado à maternidade. Será que ali também seria possível

liberar novos *entre* ela e esse outro, entre um desejo e outro? Penso que escrever uma carta de amor à filha seria um convite à retomada desse ponto, que de alguma maneira poderia estar separando e interrompendo a conjunção dos diferentes desejos, e que também trouxe ressonância com o que havia dito sobre a dificuldade em “*ter que escolher entre um ou outro*” nos outros relacionamentos em questão. Retomar este ponto seria um modo de convocar uma nova história de amor às escutas e acionar outros “outros” da história e outros modos de cuidar: da filha, de si, dos outros e do que está se passando entre as suas histórias de amor.

O convite à escrita e à escuta da carta de amor à filha foi feito. Mas ela não compareceu. Talvez fosse muito difícil e delicado olhar para este ponto da história, naquele momento, talvez possa ter olhado de outras maneiras e em outros tempos. Talvez não. E pode ser, também, que eu tenha me aproximado um pouco mais daqueles pontos mais delicados que ela havia se referido no início em relação à minha escrita, dizendo sem dizer explicitamente, e agora mostrando “um outro lado da história”, mesmo sem querer mostrar. Não foram ditos explicitamente, mas também não deixaram de ser escutados e cuidados durante todo esse processo de escuta e escrita da sua história de amor. De alguma maneira, ao finalizar o processo com esta última interrupção, embora possa ter tentado suavizá-la, ela fortaleceu a escuta e a conexão entre as demais interrupções.

Passados dois anos sem nos falarmos, ela retornou querendo ter notícias da escrita – a tal “escrita da escrita da sua história”, como enfatizou várias vezes ao longo do projeto. Reflito sobre o que será que ela quer saber mais, para além do que já havia dito a ela. O que a interessa tanto na minha escrita sobre ela e sua história? Não sei.

E é na escrita e por meio dela que também encontrei outras escutas possíveis para dar continuidade a essa história.

### *A escrita da escrita*

A escrita atravessou essa história de diferentes maneiras. Desde o início, a menina do rio enfatizou que “fluía bem na escrita”. E, ao mesmo tempo, foi por meio da escrita que também trouxe algumas limitações ao outro, à escrita do outro, mas que também se colocou disposta a se escutar um pouco mais e a se abrir um pouco mais à escuta do outro.

Escutando essas relações com as escritas, fui procurando movimentar, tanto naquela ocasião quanto aqui, que os efeitos liberadores da escrita não ocorrem a priori, mas são escutados nos seus usos e composições. Assim como as interrupções não são previamente aprisionadoras, elas também podem articular movimentações afetivas e produzir efeitos liberadores. Daí a importância de um pouco mais de escuta desses usos e das distinções do que se tem buscado efetivamente conservar, interromper e liberar, e dos seus efeitos, já que, em nome de uma liberação, também pode se conservar e, em nome de uma conservação, limitação ou interrupção, também pode se liberar.

Nos nossos encontros, notei a manifestação de algumas interrupções em relação às escritas. A própria relação da menina do rio com a escrita de si e a escrita do outro foi me chamando a atenção para essa lógica entre o que interromper e o que liberar, o que esconder e o que mostrar, não só na sua história de amor, mas também entre as diferentes escritas envolvidas nas práticas. E o que acontecia nos encontros apresentava forte ressonância com a sua história.

Ora ela apresentava uma liberação de escritas: escrevia mais do que o proposto, trazia mais e mais conteúdos que já tinha, falava que queria acompanhar “a escrita da escrita”, e retornou querendo saber desta escrita e ainda sugerindo acrescentar mais escritas suas para complementar as minhas escritas da tese; ora apresentava algumas interrupções ou limitações às escritas do outro: quando iniciou trazendo um limite ao outro e ao que iria escrever sobre a sua história, mesmo sabendo do contexto do projeto, quando interrompeu sua participação no penúltimo encontro, antes da experimentação de uma escrita para a filha, mas dizendo que iria remarcar este último encontro e não o fazendo, nem avisando.

Ou seja, por meio da escrita, mostrava o que queria, transbordando escritas ao outro; porém, por meio da escrita também, passei a escutar o que não queria mostrar e o que não mostrava: onde apresentou resistência nas experimentações, onde houve um desencontro e se desinteressou, mesmo ali, onde dizia “fluir bem”, onde se mostrou menos ou se quis esconder alguns aspectos da história e onde interrompeu a continuidade da escuta e sua participação no projeto.

Assim, o último encontro, que não se concretizou, também foi escutado com atenção. Ele anunciava o convite da escrita de uma carta de amor para a filha, algo que tínhamos combinado. A sua (única) não experimentação com essa escrita e a interrupção justamente no último encontro acionaram a minha lembrança de uma de

suas falas rápidas, anteriormente nos nossos encontros: a de que se sentia “sufocada após a maternidade”. E o seu pedido de cuidar do outro, cuidar de si e de cuidar do que acontece entre esses desejos, feito no início dos nossos encontros, também seguiu reverberando nas minhas escutas e nesse processo de escrita da sua história. Interrompeu a sua participação quando estava prestes a escrever uma carta de amor à filha, um modo de cuidar deste ponto da história que já havia trazido que, de alguma maneira, era sufocante. E essa sua saída de cena também disse muito, mesmo sem dizer explicitamente.

E quando ela interrompe, dizendo que vai remarcar, mas faz o contrário, não deixei de escutar e também de perguntar: “*É isso mesmo que você quer, interromper aqui?*”. Esta interrupção não foi apenas dos encontros combinados, mas uma interrupção dos encontros inesperados, do que também se desconhece de si mesma e do outro, dos acordos feitos, que ainda estavam em curso – que também podem vir junto com esse outro. E em que ponto ela interrompe e se distancia disso? Aquela interrupção foi um modo de falar, mesmo não comparecendo e nem mesmo avisando. Foi o ponto em que interrompeu também a continuidade de uma outra possibilidade de fala e de escuta daquela história, de novos outros amores.

E o que estava por vir e não veio me levou a encontrar outras escutas e cuidados possíveis para essa história e suas interrupções, e também entre o meu desejo e o dela de produção de escrita.

Nessas escritas e na tese, há uma flexibilidade para articular a temática das interrupções, tanto em relação aos seus diferentes tipos quanto aos seus diferentes usos. Neste caso, experimentei utilizá-la também como intervenção analítica nas nossas experimentações, pois a considerei como uma composição interessante para movimentar certa “lógica de interrupção” presente na história contada e também nos nossos encontros e desencontros.

De alguma maneira, se ali se sofre de limites, “impostos” ou apresentados por diversos outros, muitas vezes, a resposta é uma tentativa de transpô-los, a seu modo. E considerando o ponto central relativo às interrupções que ela trouxe em sua história de amor – estar em vias de se separar do marido há algum tempo, mas não conseguir fazer esse movimento ainda (interromper o casamento de fato) –, começo a traçar relações entre o que acontece neste ponto da história com o que se passou com as interrupções da sua participação no projeto.

Tanto ali quanto no seu casamento, diante das interrupções anunciadas, houve um não interromper explicitamente, algo como interromper não interrompendo, alguma dificuldade de findar o processo, um fim que já estava próximo e anunciado. Como se estivesse colocando reticências no lugar de um ponto final.

Escuto suspeitando de uma espécie de interrupção da interrupção como um modo de criar certa continuidade indefinida, tal como ela fez no projeto ao dizer que iria continuar, mas não continuou, e depois voltou querendo saber o que foi feito. Mas o que ela fez com tudo isso? Interrompeu a seu modo para continuar a seu modo.

Interromper a interrupção previamente anunciada pode ser um modo encontrado de dar alguma continuidade mais “liberada” aos próprios desejos, com menos contornos. Interromper não interrompendo...

Mas é preciso continuar escutando o que se faz e os envolvimento afetivos que se tem com tais pontos de interrupção e continuidade, o quanto e como o desejo pode se produzir e se expressar frente a tais processos, e quais entradas e saídas se podem criar para estes encontros entre desejos e “rios” distintos; pois, como aponta Rolnik (2019, p. 37), há de se “buscar vias de acesso à potência da criação em nós mesmos: a nascente do movimento pulsional que move as ações do desejo em seus distintos destinos”.

É nas experiências coletivas, tecendo múltiplas redes de conexões entre subjetividades com experiências e linguagens singulares, que se constrói um comum e que se coopera na insurgência micropolítica. Aqui, os agentes “se aproximam via ressonâncias intensivas que se dá entre frequências de afetos” (ROLNIK, 2019, p. 141). Nesse campo relacional, os desejos podem se orientar por uma bússola ética, criando territórios relacionais, temporários, variáveis e variados, produzindo sinergias coletivas, com acolhimento recíproco que “favorece os processos de experimentação de modos de existência distintos dos hegemônicos, valorizando e legitimando sua ousadia” (ROLNIK, 2019, p.141).

Porém, para que o desejo de potência desta expressão singular resulte em transmutações efetivas de realidades individuais e coletivas, esta experimentação requer uma implicação ética (ROLNIK, 2019, p. 132) e “um trabalho de experimentação sobre si que demanda uma atenção constante” (ROLNIK, 2019, p.37).

### *Ponto final?*

Dois anos depois, ela me manda uma mensagem perguntando se tenho escritas produzidas a partir dos encontros e que adoraria ler a tese toda. Conto sobre este processo, pergunto se está bem e ela conta que está bem e separada. De alguma maneira, ela volta, para saber sobre a escrita e também para contar da sua separação. Mostrei este texto para ela, que autorizou sua publicação tal como está, e também sugeri acrescentar mais uma de suas escritas trabalhadas nos nossos encontros.

Nessa breve troca de mensagens, ela quis me mostrar algo sobre a continuidade da história: sua separação. Notei que ela apresentou alguma movimentação sobre os próprios processos de luto e o desenrolar da história, e que nesse mesmo momento, houve uma liberação também dessa escrita, pois ela não retomou as interrupções feitas anteriormente.

O seu modo de voltar ou de mostrar a continuidade da história, do lado de lá, foi exatamente na altura da separação, um dos pontos de interrupção que havíamos escutado um pouco mais durante o projeto.

Do lado de cá, continuar escutando e escrevendo sobre a história da menina do rio foi um grande desafio. E uma das maneiras que encontrei para continuar movimentando essa escuta foi compondo um caderno a partir dos materiais que ela trouxe e das proposições feitas (das cartas que escreveu, das fotos do rio onde realizava as experimentações, das escritas feitas à mão e à máquina), ou dos cacarecos amorosos que trabalhamos durante o projeto, aos quais acrescentei uma carta em branco, a que não foi trabalhada no último encontro.

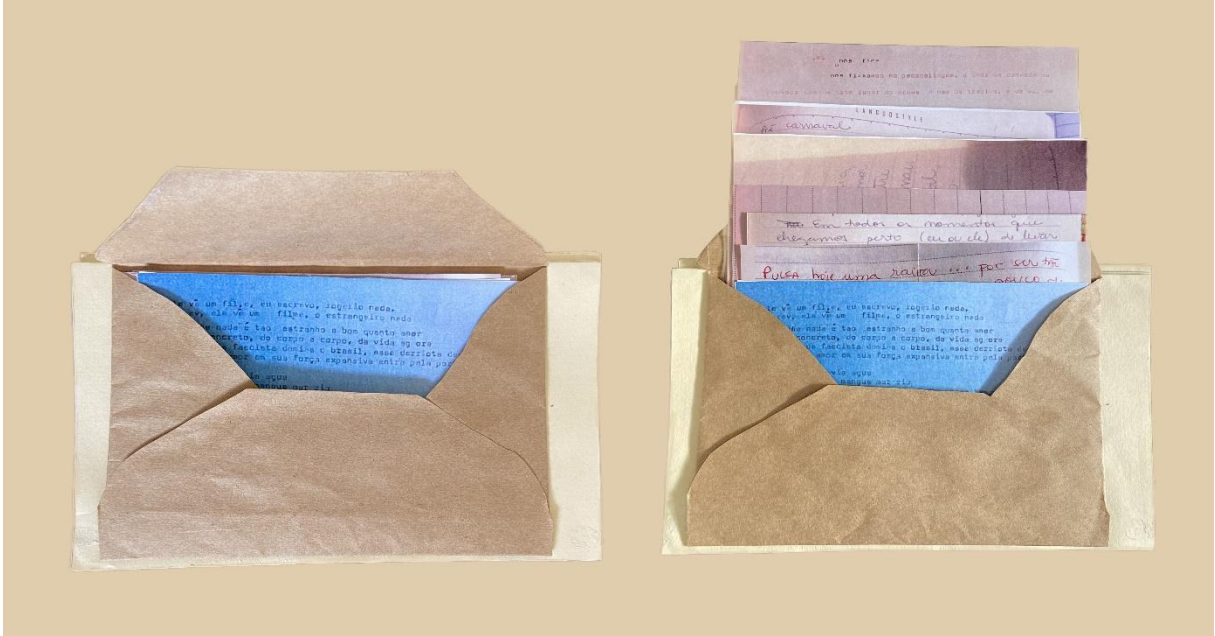
O caderno é, ele mesmo, um cacareco amoroso criado a partir dos cacarecos amorosos do outro, e potencializou a minha escuta da história. Esta experimentação é fruto e se conecta com as que fiz com a minha própria história.

Figura 6 - Caderno do rio



Fonte: arquivo pessoal.

Figuras 7 e 8 - Caderno do rio + cartas e imagens



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 9 - Detalhe



Fonte: arquivo pessoal.

## 5 NO MEIO DO CAMINHO: UMA OUTRA HISTÓRIA DE RENATA

CORAÇÃO. Essa palavra vale por todas as espécies de movimentos e de desejos, mas o que é constante, é que o coração se constitui em objeto de dom - seja ignorado, seja rejeitado.

(Roland Barthes)

Meu coração tá batendo  
 Como quem diz: "Não tem jeito"  
 Zabumba bumba esquisito  
 Batendo dentro do peito  
 Teu coração tá batendo  
 Como quem diz: "Não tem jeito"  
 O coração dos aflitos  
 Pipoca dentro do peito  
 [...]  
 A gente se ilude dizendo  
 Já não há mais coração

(Alceu Valença, *Coração Bobo*)

Renata chega disposta a falar de sua história de amor pela primeira vez, para si mesma e para quem confiou essa escuta inédita. Ela relata que viu, nessa ambientação e contexto criado pelo projeto *Escutas de histórias de amor*, uma ocasião favorável para abrir seus segredos e movimentar algo que conta não estar conseguindo ao longo de uma década.

Diz que desejou participar do projeto pela confiança e inspiração que tem em mim e no trabalho que realizo, e pela ressonância entre as experiências com mortes trágicas, comuns à história de quem conta e a de quem escuta. E foi assim que iniciamos e seguimos com as escutas dessa história, durante dois meses e meio no projeto.

Ela lançou-se, então, nesse processo angustiante e antes evitado do encontro com certa morte, a de quem vai e também a de quem fica, do outro e de si, mas também em busca de outros encontros com a vida.

Esta história ficou guardada com ela por mais de 10 anos, mas conta ter alguns escritos em um diário, como uma espécie de segredo guardado a sete chaves. Ela relata que a dificuldade em expressá-la foi muito acentuada pelo contexto em que vivia, o de uma cidade interiorana cheia de julgamentos morais.

Mas o que também fui escutando, a cada encontro, era o forte desejo de poder finalmente falar dessa morte para também afirmar a vida que continua acontecendo. Porém, a dificuldade de falar dessa morte chegava a paralisá-la. Por esse motivo, foi difícil iniciar essa fala e foram muitas as suas interrupções encontradas, também no corpo.

No primeiro dia, ela atrasou, porque pegou o ônibus errado; mesmo assim, fizemos o encontro. No seguinte, ela faltou.

Nesses primeiros momentos, desviava o seu olhar do meu e sua expressão corporal trazia inquietude, junto com uma fala gaguejada. Na sua nova tentativa de iniciar a história, Renata começou contando rapidamente sobre sua semana, que incluiu a recente morte de sua tia, os seus projetos e pesquisas acadêmicas, e passou de raspão pela história que havia dito querer contar, mas rapidamente interrompeu a narrativa com outro assunto. Comecei a fazer algumas perguntas mais pontuais sobre a história e, na medida em que íamos nos aproximando dela, a sua inquietação corporal também aumentava, demonstrando a sua dificuldade em iniciar a conversa e permanecer nela.

No encontro seguinte, ela disse ter pensado em trazer um livro que tinha uma escrita “dele”, e não mencionou quem seria ele. Até então, ela ainda não havia me contado nada sobre a sua história de amor nessas escutas. O que havia me falado, em momentos anteriores, em que convivemos em contexto acadêmico, foi que houve um acidente trágico seguido da morte do seu antigo namorado. E complementou, durante esse encontro: *“Passou um tempo e eu deixei o livro pra trás. E vou deixando essa história pra trás também. É bom que essa história fique pra trás, no passado”*.

Perguntei o que ela queria deixar para trás nessa história, e ela respondeu: *“Eu me importo muito se isso é um descaso com a pessoa, mas acho que é isso. Eu também me canso dessa história. Tô querendo deixar isso de lado um pouco”*. Eu afirmo: *“Você me contou que procurou o projeto para falar dessa história”*. Ela responde: *“Mas pra mim, ainda é muito difícil falar dela. Não sei muito bem como fazer isso”*, e mudou de assunto.

Considereei também mudar minha maneira de escutá-la, para ampliar e acolher algo que gritava, também no corpo, na minha frente.

## Dançando com a morte

Ah, tem que ser  
Tem que ser hoje que eu vim  
Que eu vim com tudo que tem  
Que tem a ver com você  
Você bem sabe que sim  
Que simplesmente é assim  
Assim que vejo você  
Você de frente pra mim  
Eu me arrepio  
Grito, pulo, assobio  
Gesticulo e rodopio  
E vou girando  
[...]

(Luiz Tatit, *Rodopio*)

A partir de um determinado ponto, vida e morte se unem. Estava vivo há pouco, agora vai até a morte. Como sempre digo, contemplo uma flor e a acho linda. Então, desço uma escada, uma escada para o mundo da morte. O mundo da flor é o mundo da morte. Contemplo a flor. Almas se simpatizam, os corpos se unem, esqueço até que estou vivo. Danço dentro da própria morte. Às vezes, no mundo da morte, quando percebo, o mundo da vida. Vida, morte, vida, morte.

(Kazuo Ohno)

Figura 10 – “A gira”



Fonte: arquivo pessoal.

No início, Renata não falou diretamente da morte ou do acidente trágico que interrompeu o namoro e que levou à morte do “menino”.

Foi preciso atentar um pouco mais às manifestações das suas expressões corporais e dos seus silêncios falantes. O corpo, ali, “parado”, parecia estar gritando e querendo se mover. Então, resolvi escutá-lo um pouco mais próxima de algo que insistia em se movimentar.

Entre uma fala e outra, dos tantos assuntos que surgiram, compreendi que a escrita e a dança eram coisas que a conectavam com a vida, que faziam algo acontecer naquele corpo. Perguntei-lhe se tinha escrito ou dançado ultimamente, e ela disse gostar muito das duas coisas, mas que sentia muita dificuldade em concretizá-las. Falamos sobre dança e assim chegamos ao Butô.

Perguntei se ela tinha tido alguma experiência com a dança Butô e começamos uma longa conversa sobre esse tema, que a interessava cada vez mais, muito pela relação da dança com a vida e a morte. Durante a semana, ela contou estar experimentando a leitura de livros, artigos, assistindo vídeos sobre o Butô e comentou

que algo novo estava acontecendo em seu corpo, mas não sabia muito bem o que era.

Sutilmente, falamos sobre a morte. Primeiro, sobre várias mortes, sobre um fazer dança com a morte e outros assuntos que a interessavam. Depois, sobre certa morte, que também desejava tocar, e que, mesmo sem notar, já estava falando dela.

A princípio, o assunto sobre a morte começou a fluir e, em poucos minutos, realizamos uma viagem a vários países e seus diferentes modos de relação com a morte, e foi assim que ela começou a falar mais: iniciou contando da sua admiração pela cultura oriental e pela cultura mexicana, pelo modo alegre como lidam com a morte. Comento algo que havia escutado sobre o Butô, que o que se faz enquanto dança é libertar-se das formas do corpo e do pensamento, e que um de seus expoentes, Kazuo Ohno, transmitia esses conhecimentos convocando um “corpo morto” de outra maneira, sugerindo um corpo e uma alma vazios, livres, leves, sem tantas interrupções à sua expressão e experimentação. Foi possível, pela primeira vez e depois de uma década, falar da morte com alguma leveza e até com alegria.

No encontro seguinte, propus uma experimentação de escuta do seu corpo, inspirada nos seus encontros com o Butô<sup>4</sup>, acionando o que já estava acontecendo ali com esse cacareco amoroso criado a partir dos nossos encontros. Ela topou, animada, mas ressaltou que sentia vergonha. Propus que experimentasse como pudesse, enquanto eu ficava virada de costas, sem vê-la dançar, apenas acompanhando com a voz. Renata topou e deixou seu corpo fluir, ao som da música, encontrando seus próprios movimentos, mais livremente.

De repente, ela gritou: “o que eu faço, me ajuda?”. Pergunto o que tinha acontecido e ela respondeu, ainda girando: “Comecei a dançar em círculos e não consigo sair desse movimento”. Procurei acalmá-la, tentando também trazer a minha voz no afeto, acompanhando o clima da música. Disse-lhe para abrir os movimentos

---

<sup>4</sup> O Butô ou “Dança das Trevas” surgiu no Japão pós-guerra, em um contexto relacionado ao rastro de destruição decorrente da Segunda Guerra Mundial. Criada por Tatsumi Hijikata, na década de 1950, junto com Kazuo Ohno, o butô é inspirado nos movimentos de vanguarda, expressionismo, surrealismo, construtivismo, danças japonesas, entre outros. É uma criação filosófica e artística que propõe a subversão de convenções assumidas pelas vanguardas, buscando expressões não necessariamente coreografadas ou presas a movimentos estereotipados e técnicas específicas. Na dança de Hijikata, há um enigma político que “lida com a singularidade da vida e da morte, através de um cadáver dançante que arrisca sua vida para se levantar” (GREINER, 2019, p. 19). Hijikata se desarticulava ao adotar: “uma extraordinária densidade e sensibilidade, as experiências e pensamentos do corpo, reevocando a “ferida” do corpo. A experiência do corpo para ele é, acima de tudo, a experiência dessa ferida. Seu pensamento está profundamente ligado à essa ferida” (UNO, 2014, p. 60).

aos poucos, membro por membro, passo a passo, liberando o corpo para encontrar outros espaços e liberações de movimentos fora dele. Ela começou a fazer pequenas movimentações, a sair da repetição e a fluir em outras direções da sala, ganhando amplitude em seus movimentos, tanto no corpo quanto no espaço fora dele.

O pedido de alguma orientação para sair daquilo foi acolhido na presença da voz. Aos poucos, voltou a se compor com uma nova dança. Ela continuou até o final da música e, quando terminamos, contou que ficou muito aliviada em conseguir sair daquele círculo repetitivo e em praticar uma dança sobre a qual não sabia quase nada e que jamais pensou que fosse se atrever a fazer.

Continuamos falando sobre a experiência que teve com a dança e ela disse que, enquanto fluía nela, viu uma vitrola com um disco de vinil que estava parado naquele espaço (a vitrola não estava ligada), e ela entrou naquele mesmo movimento circular próprio do objeto, não conseguindo sair dele. Conta que, ao pedir ajuda, sentiu confiança em se movimentar, até sair daquela repetição, como se não conseguisse sair do movimento repetitivo sozinha.

Pergunto se já ocorreu isso antes, e ela disse que esse parece ser o movimento que ela tem feito em relação àquela história: o de repetir e não conseguir sair daquele círculo em torno da morte durante anos. Também lembrou de momentos no passado, próximos à morte do “menino”, em que ela se viu dançando em círculos sozinha, no seu próprio quarto. O retorno à forma circular, repetitiva, também acionou uma memória corporal traumática.

Ali, houve uma fusão do corpo à forma, à imagem circular, e isso a conduziu ao próprio movimento da vitrola, onde o disco gira, gira, repete, repete, e aquele movimento não se interrompe. No entanto, aquilo havia se dado enquanto ela se movimentava, mas o objeto estava parado, desligado. E foi assim que um corpo preso à imagem da morte também pôde dançar. Foi experimentando esse retorno àquela história, agora de modo diferente, que algo aconteceu no corpo, na memória e também na fala.

A partir de então, ela contou ter se sentido mais à vontade para falar daquela história. Do encontro seguinte em diante, Renata passou a falar mais diretamente da história de amor que desejava contar.

Perguntei a ela o que acontecia naquela relação, como era aquele encontro antes da morte do “menino”. Ela contou e permaneceu um pouco mais na fala da sua história, que também passava pela fala da morte. O corpo se aquietou um pouco mais.

Os olhares e as pernas, ainda um pouco inquietos, também pareceram estar à procura de algum encontro possível.

O encontro inevitável com a morte estava acontecendo de novo, mas agora de outra maneira. Era urgente escutar certa morte para também encontrar uma e outras vidas. Notei que o trabalho com a dança abriu e fez girar também uma outra fala. E nessa nova tentativa de fala de sua história de amor, pergunto-lhe se havia algo que gostaria de ter dito a ele, antes de sua morte, e que não disse. Ela confirmou, chorou e respondeu com honestidade: “*eu queria ter falado para ele não morrer*”. Seu choro encontrou o meu silêncio acolhedor.

Refiz a questão e perguntei se tinha mais alguma coisa. Ela deu, então, uma nova resposta: “*eu queria ter demonstrado mais*”, contando também que se sentia culpada por não ter correspondido ao que recebeu no relacionamento enquanto ele estava vivo. “*Ele me respeitava, tinha uma ternura e um respeito comigo. Era feliz, mas não consegui demonstrar isso para ele, era muito fechada*”. E se nem com ele, com quem ela teve uma experiência amorosa tão potente, conseguiu demonstrar, ela concluiu: “Se não foi com ele, não vou conseguir me relacionar assim com mais ninguém”.

Uma fala antes muito interrompida e guardada “a sete chaves” começou a aparecer. Continuou dizendo que se sentia culpada por não ter dito isso a ele e por não ter correspondido ao que recebeu, pois ele, ao contrário, falava e tentava mostrar sua admiração por ela com frequência. E acrescentou que aquele destino trágico da morte do “menino” não lhe permitia mais ser feliz.

Era como se ela estivesse tentando me dizer que não estava à altura ou em condições de vivenciar nem aquele amor e nem aquela morte trágica. Como se sua vida, suas experiências amorosas e alegres, a partir dali, estivessem fadadas a não mais se concretizarem. Vou observando essa morte, ou a fusão com um estado de morte e uma interrupção da própria vida, quase como um feitiço que a assombraria e a ameaçaria, punindo-a ao longo da vida. Aqui, uma interrupção inesperada foi encontrando outras: a de uma vida tornada refém desse “feitiço” das mortes, ou de efeitos tão árduos quanto a tragédia daquela morte. Uma morte que interrompeu também uma nova vida para quem fica.

Busquei, então, ampliar a escuta sobre o que se perdeu junto com quem morreu e ela falou da alegria. Notei que ela ainda se desautorizava a viver essa alegria de novo, que acreditava não ser mais capaz de retomá-la após essa tragédia. Nesse

período, foi-se criando uma espécie de zona de embotamento e de enrijecimento da sua história de amor e dela mesma, guardando esse segredo por mais de dez anos e se agarrando à tristeza, quase como um pacto de fidelidade a um tipo de destino. Se ela não pôde falar para ele o quanto era feliz, enquanto vivia isso, como fazer o que não dá mais para ser feito agora? Uma maneira encontrada foi experimentando retomar essa fala interrompida nos nossos encontros. Falando como pôde, virando-se e revirando para encontrar novas maneiras de expressá-la, agora a quem escolheu confiar esta escuta.

A interrupção desse relacionamento, ocasionada pela circunstância de uma morte trágica, passou a se estender para outras instâncias da vida, também amorosa. Então, o que se interrompe, na história amorosa, é a sua conexão com a potência do vivo: esse processo constante de construção de realidade, de ações do desejo que buscam expandir e ampliar a capacidade de existir (ROLNIK, 2014) – e de amar e de se diferenciar por meio da experimentação amorosa. Assim, quando as subjetividades reduzidas ao sujeito se confundem, “interpretam o desmoronamento de um mundo como sinal do fim do mundo e de si” (ROLNIK, 2016, p.17), também anunciam os efeitos de uma vida dissociada da sua condição de vivente.

Mesmo nas experiências de sofrimento que se apresentam em um modo de padecimento melancólico ou em um processo de luto difícil de ser movimentado afetivamente, diante da imposição de uma interrupção, como a morte trágica de quem se ama, até ali, onde se acha que não pode haver mais escolhas sobre o que fazer e onde o desejo se agarra às formas estabelecidas ou se confunde com a interrupção, há possibilidade de encontro com novas escutas e de ampliação da força de expansão da vida.

Desde a mais ínfima disponibilidade de abertura à movimentação dos afetos, há modos de potencializar novas experimentações nos encontros e os efeitos da presença do outro em nós, na condição de viventes (ROLNIK, 2014). Ao experimentar um novo modo de escutar e de movimentar os afetos em relação àquela história, ali também se abriam novos possíveis, de modo que “de repente é como se nada tivesse mudado e, no entanto, tudo mudou” (ROLNIK, 2014, p. 50).

E enquanto falava dessa sua história amorosa, ela pôde falar também da sua dificuldade em se relacionar amorosamente com outras pessoas. E o que antes estava tão silenciado, pôde experimentar, inesperadamente, novas possibilidades de falas e encontros.

## Como uma pedra

Um outro corpo está saindo do meu bruscamente, como quando você rabisca.

(Hijikata Tatsumi)

Basta sonhar. É preciso se deixar adormecer, assim, inocentemente, e deixar seu corpo dançar nesse estado onírico. Não pensar no que faz ou deixa de fazer. Os olhos estão abertos mas, vejam, são olhos de quem sonha. Não são aqueles olhos que não conseguem nem se desviar, “oh, que lindo”. No sonho, podemos dialogar ainda que estejamos distantes, ainda que estejamos apartados, assim como não é preciso dizer “eu te amo” - a gente sabe.

(Kazuo Ohno)

Nessa prática de escuta, ela começou a história dizendo que, há mais de dez anos, se sentia tão rígida quanto “uma pedra”, e que isso se estendeu por toda a sua vida: acentuou sua timidez, sua solidão e alguns pensamentos repetitivos sobre a morte. Ali, onde se reproduziu um estado de corpo, pensamentos, falas e imagens muito colados ao sofrimento e à dureza do acontecimento trágico, interromperam-se também novas movimentações e encontros consigo, com a própria história e com outras pessoas.

Foi a partir da dança, após se identificar com o próprio objeto redondo, o disco, sua forma e movimento, que comecei a me atentar mais para uma série de identificações que surgiram nos nossos encontros: comigo, com outras pessoas a quem disse se ligar e “*buscar ser igual*”, e a identificação com uma imagem específica dela mesma no passado, diante dessa morte. Fui percebendo essa forte tendência à identificação com uma série de outros e uma espécie de colagem com esse outro. No caso da história amorosa contada, predominava uma forte identificação com a experiência de morte e com as muitas imagens criadas ao seu redor, sendo que a imagem passava a ser a própria coisa. A fusão em relação ao outro, amado e perdido, foi uma maneira encontrada para sustentar essa ligação amorosa.

Embora ela tenha chegado dizendo “*não quero mais saber dessa história, quero deixá-la no passado*”, como se quisesse interrompê-la, de alguma maneira, ela continuava se relacionando repetidamente na forte identificação com esse outro, a partir da imagem, assim prolongando sua presença. Mostrava sua raiva por querer e

não conseguir efetivamente deixar a história para trás, e o laço amoroso era também sustentado pela luta travada consigo e com (contra) o outro perdido, “o menino”, que “*não podia ter morrido*”. Desse modo, também no âmbito amoroso, o que importa é não “sucumbir ao ressentimento, à raiva, ao ódio ou, ao seu corolário, à melancolia - a impossibilidade de fazer o luto do objeto perdido, mantê-lo idealizado e permanecer eternamente colado a ele como condição para existir – [...]” (ROLNIK, 2016, p. 7).

Para liberar essas falas há muito tempo interrompidas, foi preciso primeiro desorganizar o movimento do corpo, escutar e experimentar esse encontro, sem “*deixar essa história pra lá, no passado, de lado*” ou sem interromper essa história, mas continuando a sua escuta de outras maneiras, considerando olhar para isso que se repete e para a imagem fixada dessa morte, já que, a partir dessa interrupção, outras interrupções continuaram se fortalecendo e afetando esta e novas histórias de amor possíveis. Enquanto experimentava se abrir ao inesperado do encontro, Renata se permitia viver e criar alguma suavidade para com aquela morte, e assim foi potencializando outras maneiras de se compor com ela: produzindo novos corpos, novas danças e novas falas, ainda que brevemente.

Durante esse processo de escuta, enquanto acompanhava a composição entre seu corpo com a dança e a liberação das falas interrompidas, também notava a relação disso com o que acontecia com o corpo à minha frente. Se, no início, ela desviava o olhar do meu, apresentava uma fala gaguejada, tímida, envergonhada e o corpo enrijecido na cadeira, nos últimos encontros, pude vê-la sorrir, seus olhos brilharem, seu corpo dançar e uma escrita amorosa para si acontecer; pude escutar sua voz em diferentes tonalidades, na tristeza e na alegria.

Até nosso último encontro, ela não o chamou pelo nome, era “o menino”. Mas, no último encontro, ela quis mostrar um livro, que notei já ter trazido em outros encontros e que escutei, amorosamente, como um cacareco amoroso. Ela me entregou o livro e disse que queria mostrar esse último presente dele. Quando abri, vi que lá também estava escrito o nome dele, que ela conta ter sido ele mesmo quem escreveu. Lanço a pergunta para ela: qual era o nome do “menino”? Ela disse seu nome, finalmente, como quem responde uma pergunta qualquer, retomando o assunto sobre o conteúdo do livro.

Finalizamos o encontro ali, quando e como pôde falar seu nome. Nome que depois voltou e passou a ser dito nas escutas que continuamos em outras ocasiões,

para além deste projeto. Pois quando terminamos essas experimentações, ela me procurou para dar continuidade às escutas em outro contexto, e continuamos, ainda.

Pela primeira vez, foi possível encontrar e se abrir a um novo movimento, e olhar para a vida com uma sutil alegria, compondo-se com experimentações de si mesma, daquela história e de uma nova história de amor, também inesperada, que estava ali, querendo saltar.

A dança liberadora de uma fala interrompida possibilitou uma conexão potente entre morte e vida. E a história que começou com uma interrupção foi girando e se abrindo a novos começos. Como o ciclo da vida, das mortes e dos nascimentos.

### **Como se fosse a primeira vez**

O que aconteceria se colocássemos uma escada no corpo e descêssemos ao mais profundo?

(Hijikata Tatsumi)

A dança não existia anteriormente. Era necessário reinventar a dança e redescobrir o corpo.

(Kuniichi Uno)

A cada vez que Renata retornava para os encontros, escutava também um desejo de abertura de e para si mesma, de se encontrar com certa capacidade de amar, com aquilo que a arrebatou, e que poderia ser experimentado de modo diferente, vivendo uma história de amor com ela mesma e com sua história. Em um de nossos encontros, pedi a ela que escrevesse uma carta de amor para si mesma. Em outros momentos, realizou uma experimentação escrita sobre o que gostaria de dizer para ele e que não havia sido dito, em outro, ainda, experimentou escrever sem proposição prévia, indo além da história contada, deixando a escrita acontecer e fluir livremente naquele encontro inesperado. Uma escrita mais liberada para se encontrar com o que poderia acontecer ali, naquele momento, desinvestindo-se o quanto pudesse de pensamentos, de outros, de histórias e de muitas imagens prévias. Todas estas coisas amorosas agenciadas compõem-se como cacarecos amorosos criados a partir dos nossos encontros e das escutas da sua história de amor.

Escutei como acompanhante, testemunha ou confidente, mas mais orientada à confiança que ela faz a si mesma, enquanto nos encontramos e nos desencontramos. A confiança amorosa potencializa o aprofundamento da intimidade com o outro, mas principalmente consigo mesma.

Foi possível, pela primeira vez, experimentar aquela morte de outra maneira, abrindo-se também para bons encontros com o inesperado. Foi desorganizando e desconectando estados de corpo, falas e pensamentos que pôde encontrar uma leveza na vida, na morte, e dançar com elas, e olhar de um jeito diferente para isso que dá um frio na barriga nos encontros amorosos, que é tão potente, amoroso e ao mesmo tempo inesperado, que pode acontecer lá, no seu passado bem distante, e cá, bem na sua frente e naquele breve instante, com alguma delicadeza.

Seja com uma dança que não se espera experimentar onde se foi falar de uma história de amor, seja buscando acolhimento com certo outro, que pode ser tão próximo e ao mesmo tempo tão distante, seja apenas observando o encontro inesperado com uma borboleta colorida que, ao voar, interrompeu e ampliou a escuta da sua fala, no momento em que se reaproximava da dureza daquela imagem da morte ou da fala de uma vida interrompida. O encontro com o inesperado pode estar ali, pode aparecer a qualquer momento, pode lhe convidar para dançar e pode fazer arriscar ir além de si. E isso já é viver outros mundos neste mundo.

E uma de suas falas, embora tenha passado muito rápido e discretamente no meio de tantas outras falas que aconteceram, não me escapou e continua reverberando: “*quero encontrar um jeito de honrar o que ele fez por mim*”. Também já me demorei muito nela. E também já me vi tentando não escapar dela.

Renata confiou certa fala inédita a mim, eu também confiei certa escuta inédita a ela. Produzimos, juntas, cada uma à sua maneira, uma bela dança com o inesperado.

Os fins também podem ser meios para criar bons encontros, com uma e outras mortes, em uma e em outras vidas, entre as tantas Renatas e suas histórias de amor.

17.05.2019: *Aquilo que retorna*

EU-TE-AMO. A figura não se refere à declaração do amor, à confissão, mas ao repetido proferimento do grito de amor.

(Roland Barthes)

Após a experimentação com a dança, notei uma liberação de falas que continuei escutando. Ela iniciou o novo encontro dizendo: *“Eu senti, ao longo dos dias, uma alegria na vida, no corpo também, que eu nem sei falar direito. As coisas que você fala são muito visuais pra mim, especialmente sobre o que fazer com a velha história. Tava muito confuso pra mim: se eu jogasse fora, parecia desrespeitoso, se eu ficasse segurando agarrada, parecia que não dava pra abraçar outras coisas. A visão estava um pouco radical e primária. Aí você vem e fala e faz essas coisas”*.

Olhando para seus olhos arregalados, complementei: *“Você, falando do Butô, me lembrou o que um dos seus criadores disseram sobre os “olhos de peixe”: que eles lembram os olhos de um cadáver, como se estivessem sem vida e estáticos, mas estão vivos e prontos para agir, assim como o peixe, para se livrar das convenções que determinam os movimentos do corpo e da mente; querem encontrar suas maneiras de se expressar, como as que você encontrou na dança. Ele diz que só somos o que somos hoje graças aos nossos mortos”*.

Ela continua: *“Acho que isso tem a ver também com o que eu tô lendo. Eu tô lendo esses dias sobre a tradição Fufu e eles falam da flauta. Aí me veio à cabeça essa imagem da flauta, ou qualquer instrumento que você prefira, mas é porque são sete notas, tem um número limitado. Mas se você tá batendo muito tempo numa nota, você não pega a nota e joga fora. E era esse o meu dilema quando comecei aqui. Tava achando que seria melhor deixar de lado e jogar essa história fora. Mas vivendo tudo isso aqui e te escutando falar da morte e podendo escutar essa história de outro jeito, entendo que ela faz parte desse instrumento que é a vida e que ela pode ter outras posições. É uma vida só, assim como o instrumento que é um só. Ela se desloca um pouco pra cá e acha outra nota, você pode fazer uma música com a nota da morte e a nota...outras...até dancei com algo que jamais poderia imaginar”*.

Continuo escutando, enquanto ela continua falando: *“É muito interessante porque realmente estou numa novidade, assim, e você me inspira a falar disso de uma maneira mais [...] iluminada. Porque eu, não sei... porque eu... eu quero te dizer que,*

*com essas mudanças de olhar, também tô sentindo que, se eu tô mudando essa conversa, qual vai ser a conversa? E se eu tô mudando o olhar, qual vai ser o olhar?”.*

Eu respondo: *“Encontramos uma boa pergunta...”.*

Ela diz: *“Eh, parece meio estranho, né... mas essa reaproximação desses outros com outros ângulos é completamente nova pra mim. Porque assim, há tempos que eu não sei mais quem eu sou, não sei mais como eu falo e não sei mais como eu olho. Nessa ideia que eu te falei de querer me aproximar de outras pessoas [...] eu tenho me dito isso: o que nós vamos falar? Eu não sei. Eu não tenho falado com ninguém ainda, só olhado. Então, a minha ansiedade já quer colocar o objetivo: fale com fulano. Eu queria sentir a coisa no momento e não sair de casa pensando: seja como a pessoa tal. Você anda pelo mundo se dizendo: seja como a pessoa tal. E sinto que não estou me relacionando com os outros como me relaciono com aquela dança que eu continuo fazendo em casa. E percebi aqui, nessa dança, que quando eu tô lá também fazendo essas coisas, tipo, dançando, eu não tô pensando nisso, eu tô fazendo... e ver que eu até dancei com a morte e ainda senti alegria... nem sei”.*

Eu: *“Mas sabe que tá fazendo...”*

Ela: *“Eu tenho ficado muito calada e essa foi uma das razões para professores até brigarem comigo, mas eu não sabia como falar do meu jeito mais. E se eles queriam tanto que eu falasse, naquela pressão, ficou pior ainda, eu tinha que fingir que tava falando, igual outras pessoas. E eu não queria isso, ainda tô tentando entender o meu jeito de falar. Porque assim eu me escondo atrás da fala. Eu escuto alguém falando e eu acho interessante, penso: vou roubar essa fala pra mim, aí eu percebo que roubo fala dos outros e que não sou eu. Eu finjo”.*

*“Meu antigo padrão tá desesperado procurando um modelo, uma imagem. Eu tô tentando me agarrar em uma imagem, mas sei que isso é o velho padrão meu. Como se olha pra alguém? Como se fala? Cadê a imagem? Se eu vejo um filme e vejo a imagem de alguém, eu agarro naquela imagem. É por isso que os filmes abstratos me instigam, não têm imagem. E aqui eu também tô me liberando de certas imagens, até dessa morte e dessa história. Isso é muito bom e ao mesmo tempo muito estranho pra mim”.*

*“Tipo, escrever essa sua proposta da carta de amor pra eu mesma e agora você pedir para eu ler para eu mesma”.*

Eu: *“E como foi?”*

Ela: *“O que eu experimentei de interessante com essa carta, lendo agora para você, é que essa palavra sofrimento tem aparecido muito. E a Renata sofrida não precisa ser eu inteira, porque foi gerando um sofrimento que eu me acostumei... Tô aprendendo a lidar com ele ainda. Eu me acostumei dentro dessa coisa toda e tô vendo de outro jeito agora e saindo disso. Também sinto que tô me despedindo um pouco dessa antiga visão”.*

Eu: *“Que visão?”*

Ela: *“O que você fala me lembra muito aquele documentário da Marina Abramović, quando ela fala que as pessoas são muito boas em começar as coisas... poucas pessoas sabem acabar o processo. Eu tô aprendendo a terminar o processo”.*

Eu: *“Que processo?”*

Ela: *“A morte era radical e sofrida, mas tô entendendo que não precisa ser assim. Tô aprendendo a terminar...São vários términos aí, né ...”*

Eu: *“Terminar... terminar o quê?”* (Ela interrompe minha fala rapidamente)

Ela: *“Desculpa, meio que tô te interrompendo, mas não quero me esquecer disso: eu tô deixando isso pra trás e tô a bordo, mas o retorno... o retorno e o que eu acho que pode retornar é uma coisa que sempre me pega... difícil... é assim, é o que te disse: o fulano morreu e a gente não se despediu. Ele não me falou que ia morrer. E assim: essa conversa que a gente não teve, eu fico sempre querendo ter essa conversa com ele, como se fosse falar no telefone e pedir para ele não morrer. Isso é uma coisa que volta”.*

Noto que isso retorna tanto no pensamento dela, enquanto o que se repete dessa história e atrapalha a sua movimentação em outra direção, quanto na sua fala aqui nas escutas, pois já explicitou sobre isso em encontros anteriores e, agora, diante de uma avalanche de falas, interrompeu-me para mostrar e retomar exatamente este ponto, que anuncia como o que retorna, e que pode se aproximar ao que está girando

em círculos, repetidamente, e “interrompendo” novas liberações de fluxos à sua história.

Resolvo repetir a pergunta que já havia feito anteriormente e permanecer um pouco mais na repetição anunciada, porém de outra maneira. A princípio, ela repete o que havia dito anteriormente. Ainda assim, repito a pergunta mais uma vez. Então, ela muda a resposta.

Eu: *“O que vocêalaria para ele?”*

Ela: *“Eualaria assim: não morra. E ele diria assim: não, eu vou morrer. Eu responderia: não vai morrer, vai ficar vivo. E ele: vou morrer”.*

(Silêncio)

Eu: *“O que você queria que ele soubesse?”*

Ela: *“Que eu queria ele vivo”.*

Eu retomo a pergunta novamente: *“E o que nessa relação com ele você não falou para ele que queria ter falado?”*

Aqui ela muda a resposta.

Ela: *“Eu não tenho palavras para explicar. Não sei dizer...O que eu gostaria de ter falado para ele que eu não falei, essa é muito difícil... De repente...eu nãoalaria nada, ficaria ao lado dele, em silêncio”.*

Eu: *“E hoje você falou que tem ficado bastante em silêncio, né? Você pode continuar ficando em silêncio com ele ainda, assim. Essa morte foi um encontro com o inesperado, com o trágico, que ninguém sabia que ia acontecer, nem você, nem ele”.*

Ela: *“É interessante o que você tá falando da fatalidade, porque tem um livro que toda vez que vou pra minha cidade, pego aquele livro e não vou pra frente com ele... e é sobre fatalidade, que é O Corcunda de Notre Dame. E eu queria saber mais daquela*

*história sobre fatalidade. O cara que escreveu começa a história numa festa, mas que é sobre uma fatalidade. E tem a ver com isso que estamos falando, da vida que tem todos esses elementos. Isso que eu experimentei nessa dança e aqui falando com você. Agora até entendo um pouco mais essas coisas, ouvindo você falar que a minha história ainda pode ser uma outra coisa. O que dá para fazer com isso, né? Ele fez de uma fatalidade a história com muitas coisas. Lá tem tudo isso”.*

Eu: *“E o que você pode fazer com a sua história, com tudo isso?”*

Ela: *“Não sei”.*

Eu: *“Olha tudo isso...”*

Ela: *“É, o que preciso fazer com isso é aprender a olhar de outro jeito. Meu olhar ultrafechado nesse choque. Eu preciso aceitar também que eu estou fazendo coisas. Tô até aqui, né? Posso compartilhar uma coisa? Ele que escrevia, ele tinha esse sonho de escrever. E não foi uma decisão racional minha”.*

Eu: *“O que?”*

Ela: *“Escrever, porque eu fico escrevendo todo dia e eu fico me perguntando por que eu tô fazendo isso, por que eu continuo escrevendo. Eu sou escritora? Eu sou o quê? Quem vai ler? Eu tenho a impressão que veio disso. É inconsciente, mas acho que é uma forma de manter ele vivo. Eu tenho um diário também. Escrevo pro trabalho, pra pós-graduação, agora pra site. Sei lá, tô pensando aqui, agora, acho que é um jeito que encontrei de lidar com isso”.*

Eu: *“E o que acha desse jeito?”*

Ela: *“Eu acho que, com essa carta de amor que falou para eu escrever pra mim, tô descobrindo outro jeito de fazer essa escrita também pra mim”.*

Eu: *“Tá descobrindo seu lugar na escrita?”*

Ela: *“Isso. Você fala essas coisas e eu vou tendo visões, elas reconfortam. Tipo, que eu sou um sopro de ar, uma brisa, eu tô bem querendo aprender isso. Porque eu me assusto um pouco com a minha facilidade de deixar tudo muito duro, rígido. As imagens, a rotina, tudo. Eu tô bem empolgada com isso, mas sabe por que acho que minha vida fica muito dura?”*

Eu: *“Por quê?”*

Ela: *“Tô aqui pensando... porque não consigo permanecer em outros lugares mais vivos e alegres...porque antes, há muito tempo, eu tava com a impressão de que felicidade é uma coisa que o destino não quer que eu tenha. Qualquer tipo de felicidade que pousava no meu ombro, tipo assim: não se mexe, senão você vai espantar a felicidade. Quando eu via, estava como um robô”*.

Eu: *“E ficar como um robô manteve a felicidade em você?”*

Ela: *“Nãooo, demorei pra olhar isso e precisa morrer...”*

Eu: *“O que precisa morrer?”*

Ela: ***“Eu já sei o que eu quero morrer.*** Quando teve aquela fatalidade, eu fiquei muito chocada. Eu acho que esse choque precisa morrer. Eu fiquei catatônica durante anos. Pra eu poder ver a vida de outras formas, com outras cores, ver toda essa paisagem, esse choque precisa morrer”.

Aqui, quando pergunto o que precisa morrer, ela fala dela, ou seja, pergunto “o que” precisa morrer e responde “quem”, sem perceber; e isso que escapa, escancara a sua fusão com esse outro que morreu. E, a partir daí, fala também da sua forte identificação com uma imagem específica, a do seu rosto diante daquela morte, que escuto como se ela tivesse parado no tempo dos afetos daquela foto. E ela segue falando:

*“A gente tá falando de imagem... eu tenho uma imagem do meu rosto chocada que eu vi depois de um ano da morte, tem uma foto que uma pessoa tirou de mim bem de perto, eu não sei o que o outro vê, mas eu vejo como... só eu vejo aquilo... aquela cara pra mim é a verdadeira imagem que eu fiquei da... disso que aconteceu...”*

*e aquilo precisa morrer pra eu poder viver. Aquela imagem é aquela ultrafocada naquilo, aquela imagem.... eu não preciso mais dela. Também não preciso jogar fora, ela existe, mas é isso...”*

Nesse exato momento, aparece uma borboleta, que interrompe a sua fala e desvia os nossos olhares em sua direção.

Eu: *“A borboleta estava atrás de você, no seu ombro, e resolveu voar agora”.*

Ela: *“Uauuu, que lindo!”* (Ela apresenta um sorriso largo, que não havia visto nela até então).

Eu: *“E quando você se mexeu, ela voou, aí que você conseguiu olhar pra ela e até se alegrar. Tem uma leveza querendo te encontrar por aí...”.*

Ela: *“Nossa, tô aqui, tranquila, não vou forçar, e mesmo com tantas dúvidas... mas meu desejo é que eu esteja aprendendo. Você tá trazendo coisas tão importantes de saber, pra mim, e que estão me ajudando tanto a virar o olhar. Nunca imaginei... mas não quero duvidar disso”.*

Eu: *“Na dúvida, lembra que você também pode olhar pra borboleta e pode voar de outros jeitos que nem imagina”.*

Fim.

Ou o início de uma nova história de amor.

*Aquilo que retorna, agora diferente*

Em uma dessas experimentações em que propus a escrita de uma carta de amor para si mesma, ou um cacareco amoroso criado e agenciado a partir da escuta dessa história, Renata trouxe uma escrita curiosa: escreveu para si mesma, a partir do seu próprio canto/voz, separado de si - algo que me remeteu à voz/fala que tinha sido interrompida durante anos e que pôde experimentar ser liberada nas escutas e nessas escritas. Uma escrita-escuta-dançante e liberadora de outras vozes que soou ali como canto, e que ela trouxe na carta como se estivesse selando um pacto amoroso, muito próximo dos votos de casamento, cuja resposta afirmada é o “sim” para uma nova vida juntos (dela com seu canto). Noto que um novo movimento amoroso emergiu naquela história, agora consigo mesma, também a partir desse cacareco amoroso agenciado.

Mesmo sem saber (mas comendo com algum tipo de saber entre as tantas forças que me atravessaram), propus esta carta no dia que seria o aniversário do “menino”. Ela contou que, ao escrever a carta naquele dia, achou ter encontrado um bom jeito de honrá-lo. Encontramos também um bom modo de celebrar o amor, a morte e os novos nascimentos daquela história amorosa. E a grandeza dos bons encontros com o inesperado, das coisas amorosas entre as histórias, os cacarecos amorosos, as falas, as escritas, as borboletas, as danças, continuam acontecendo e girando, se repetindo e se afirmando, amorosamente e diferentemente.

Santórias de Amor

17/05/19

SP

Querido Aband!  
 Fez-me muito, [redacted]

Eu abencoo o dia que vai vir até mim, de  
 se vim. Sou seu para sempre, e só existo com  
 você. Sei que a gente não se conhece muito bem  
 ainda, mas, ~~no~~ vamos aprender, - um pouco a  
 cada dia - a fazer funcionar (maiormente) ficar  
 para que vai nunca desista de mim e para  
 que não trabalhemos ~~até~~ até o fim um lugar e  
 magia acontecer e, abra-la as nossas pessoas  
 mais queridas, as gerações das divinas, das  
 mentes de ontem, a gente hoje.

Você pode me usar. É para isso que sou  
 feito, sou um instrumento de vida, sou  
 como antes e como obra. Me use, eu depen-  
 do de sua vontade. Assim, quando tudo  
 der errado, por favor, não me quebre,  
 mas me toque.

Com amor,  
 Canto.

Eu, [redacted] e, prometo cuidar e  
 cuidar de mimho (e de) no saúde e no doença,  
 na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza,  
 no sucesso e no amor e morte - além de  
 pensar no que fazer com um belo clinica. Até  
 que a morte nos separe (ou não). Em nome  
 das deusas,  
 [redacted]  
 Canto e Urcim.

Figura 11 – Carta  
 Fonte: arquivo pessoal.

Recomeçemos no amor.

Preferi ficar calado que falar e levar não  
O meu silêncio é uma singela oração  
À minha santa de fé

Meu cantar  
(Meu cantar)

Vibram as forças que sustenta o meu viver  
(Meu viver)

Meu cantar  
(Meu cantar)

É um apelo que eu faço a Nãnaê

Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê

(Mateus Aleluia Lima, Heraldo C. Bouzas, Grinaldo S. Santos, *Cordeiro de Nanã*)

Com amor,

Renata.

## 6 ENTRE FINAIS E RECOMEÇOS

No encontro amoroso, há uma maneira, um estilo, uma ética, uma suavidade, um jeito de se compor e de se relacionar. Há um saber chegar, um estar, um esperar, um encontrar. Mas há também um precipitar e um atropelar de coisas, de desejos, de processos. E há as interrupções que sobrevêm e que se expressam diversamente como o incalculável dos encontros. Agir sobre ela, ampliar a própria condição de escuta e percepção de suas variações e efeitos, abriu caminho para a criação de uma escuta analítica singular, que primeiro exerci comigo mesma em relação à minha história. Foi o exercício dessa escuta comigo mesma que produziu a disposição e o desejo necessários para a proposição de uma experimentação com outras pessoas, que chamei de *Escutas de histórias de amor*. Ali, nos encontros com as participantes e suas histórias amorosas, fui surpreendida pela recorrência do que nomeei interrupção. Disparadora da experimentação aqui apresentada, a interrupção ora foi utilizada como recurso analítico, sendo recolocada de outra maneira, ora foi notada como ato que interrompeu a continuidade de uma escuta, mostrando também onde tal escuta perde a força. Foi colocando a própria interrupção para se mostrar, se movimentar, para ser vista, falada, escrita, dançada, cantada, e para operar das mais distintas maneiras nas histórias, no seu efeito e na sua potência, que esta tese pôde ser elaborada. Assim, cada história ou caso põe em causa a própria interrupção e seus modos de manifestação.

A interrupção inicial ou a que inaugurou as escutas, em todos os casos, coincidiu com “um amor interrompido”, nas suas mais distintas manifestações: por ocasião da morte de alguém e de término de relacionamentos. A morte é uma interrupção contra a qual, a princípio, nada se pode fazer, mas pode ser uma ocasião para a escuta de onde se interrompe a vida e a história, ocasião para a liberação de um estado de morte, de um modo de se afetar diante da morte, em proveito de uma abertura para o que ainda se pode fazer, ou seja, uma abertura a novos encontros e composições afetivas com ela e outras histórias de amor.

Ao acompanhar como as interrupções se manifestam em cada história de amor, acompanha-se o modo de agir *a* e *na* interrupção (tanto em quem escuta quanto em quem conta), e fazer isso convida a dar atenção ao que chamei de cacarecos amorosos, sua importância e força para abrir caminho. Ali, na brevidade dos encontros que compuseram as experimentações, escutou-se onde se padece de amor, por

amor, no amor, ou as interrupções e sofrimentos amorosos como tentativas de singularização que podem não estar encontrando maneiras de se expressar - e que são, portanto, vestígios amorosos indicadores de onde a vida míngua, perde a força, e também daquilo que a potencializa.

Como, em cada relação, os desejos se compõem? Qual a nossa movimentação afetiva diante do que nos acontece e do que acontece com a relação? Como nos relacionamos com o outro, demandando ou ofertando? Buscando satisfazer os nossos próprios desejos ou os desejos do outro? Será que o encontro amoroso é mais conosco, é mais com o outro, ou há espaço também para o encontro, para o que acontece na composição entre desejos, afetos, amores, escutas, lutos e desencontros?

Movimentar o que se passa e em quais condições afetivas os envolvidos se apresentam em cada encontro, como se entra e como se sai da relação, como e em que ponto se interrompeu ou foi interrompido e quais os efeitos disso é um modo de fortalecer o cuidado de si, do outro e da relação amorosa.

Há múltiplas maneiras de experimentarmos aquilo de que os encontros, também amorosos, são portadores. Há encontros que “fazem química” e há encontros que não rolam e não duram, não “fazem química”. Estes, mesmo que tenham a sua história supostamente encerrada ou interrompida, ainda assim podem instigar a experimentá-los de outro modo, a buscar algo a mais neles e com eles, e a notar o que repete, o que não deu liga, o que desencontrou e, especialmente, o que despotencializou a vida naquela experiência amorosa e para além dela. Assim, “em nome do amor”, pode-se ir de um “querer ficar, se cuidar e se olhar para sempre” a um “nunca mais se ver, querer saber ou olhar” para o outro. Pode-se aprender e compor bons encontros com tais experiências amorosas, mas também pode-se passar uma vida desencontrado, interrompendo outros tantos processos, e pode-se ainda experimentar o frescor de um incessante recomeçar.

As experiências amorosas nos convidam a olhar para o desejo, para os modos de nos relacionarmos (conosco, com os outros, com a vida), para nosso modo de existir e nossa capacidade de criar e de nos transformarmos. E cada um compõe e se encontra ao seu modo com isso.

Assim, o amor pode também ser um convite a um passeio pela vida além de nós mesmos: pode nos mostrar como escutamos nossos afetos, como os expressamos e como podemos reinventar nossa escuta. Uns querem passear mais,

outros menos. Uns querem saber mais a respeito, outros nem querem saber. Uns desejam ainda um pouco mais, outros um pouco menos.

A experiência amorosa convoca algo para além das pessoas. E mesmo sem sabermos o que, como fazer, como amar ou o que seja o amor, ainda assim, colocamo-nos fazendo, tentando, amando, produzindo, e em contínuas experimentações com coisas amorosas, mobilizados por isso que nos faz agir. Desejamos revisitar os amores, voltar onde os interrompemos ou nos interrompemos ou fomos interrompidos, saber onde escapou ou onde transbordou demais... e, enquanto falamos, nos encontramos e desencontramos nas nossas experiências amorosas, vamos produzindo uns e outros amores. Umas e novas histórias de amor. Assim, criamos e recriamos essa coisa toda e inventamos nosso jeito singular de amar e de afirmar a vida. De novo e diferentemente. Sempre mais uma vez, entre uma e outras tantas histórias de amor.

Escutar as histórias de amor é um modo de reconsiderá-las, acolhê-las, e de criar novos começos e finais. Enquanto contamos nossas histórias, também as recontamos e as escutamos, as cuidamos e olhamos: para nós mesmos e para os outros, para a história que vivemos e a que não vivemos, para a que escolhemos contar e não contar, para os desejos e as posições que ocupamos, para os conflitos, as interrupções do caminho, os personagens, os objetos envolvidos, e para os encontros e desencontros com o inesperado. Portanto, ao falarmos e nos movimentarmos afetivamente, nos colocamos agindo nas histórias, atualizando o amor e inventando novas maneiras de amar.

Ao oferecer presença, tempo, interesse no que se passa com o outro e com suas histórias, ao oferecer uma escuta simples e despretensiosa, intervindo como uma testemunha, levava junto as minhas próprias coisas amorosas, que, quando em contato com as coisas amorosas dos outros, faziam girar essa força de criação e afirmação, essa potência viva entre a multiplicidade de Renatas. Foi ao me oferecer como uma testemunha que pude encontrar histórias que não tinham testemunha: ali, segredos puderam ser falados pela primeira vez, falas interrompidas há anos puderam acontecer, pontos de vista inéditos sobre as histórias e a própria escuta foram criados e experimentados, junto com a produção de uma escuta singular que ia se fortalecendo em ato e no acompanhamento dos efeitos daqueles encontros.

Arrisco dizer que a prática da escuta de uma vida que pede passagem é também uma experiência amorosa transformadora e singular, sendo, portanto, uma

forte aliada nos processos de afirmação do desejo, de criação de outra maneira de viver, até mesmo a própria experiência amorosa. Esta escuta, tomada como experiência amorosa, também aposta e lança luz na potência dos pequenos gestos e gracejos, do brilho do olhar, da voz trêmula e gaguejante e das mais inusitadas tentativas de expressão das intensidades, que se mostram nos detalhes.

Assim, uma interrupção pode vir a ser uma ocasião para a abertura da movimentação dos afetos e para o encontro com uma nova maneira de amar a própria história e de viver novos amores. E, quando reconsiderada, pode mostrar ainda que o que se tem interrompido não é a própria vida, *mas uma escuta da vida*.

## REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus. In: **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. e org. de Cláudio Willer. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 145-162.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BARROS, Manoel. Manoel de Barros faz do absurdo sensatez. Entrevista a José Castello. **O Estado de S. Paulo**, 18 de outubro de 1997.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. Ed. prep. David Lapoujade. Org. ed. bras. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles de Deleuze**. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação, “TV Escola”. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DURAS, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FREUD, S. **Obras completas**. Vol. 12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GREINER, Christine. Butô no Brasil: Contexto histórico e reencenação política. **Ephemera**, Ouro Preto, MG, v. 2, n. 2, p. 9-20, 2019/1.
- GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 2010.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LLANSOL, Maria Gabriela. **O livro das comunidades** – Geografia de rebeldes I. Porto: Afrontamento, 1977. (Coleção Contradizeres)

LLANSOL, Maria Gabriela. **A restante vida** – Geografia de rebeldes II. Porto: Afrontamentos, 1982.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Um falcão no punho** – Diário I. Lisboa: Relógio d'Água, 1985.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Lisboaleipzig 1: o encontro inesperado do diverso**. Lisboa: Rolim, 1994.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Inquérito às quatro confidências** – Diário III. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: reflexões sobre os pensamentos morais**. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 2011.

OHNO, Kazuo. **Treino e(m) poema**. Trad. Tae Suzuki. São Paulo: n-1 edições, 2016.

RESENDE, Noelle; MIGUEL, Marlon. Fernand Deligny e o gesto da escrita: escrita-traçar, território comum e iniciativa popular. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 18, p. 137- 150, 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5797097/mod\\_resource/content/1/texto\\_deligny\\_gesto.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5797097/mod_resource/content/1/texto_deligny_gesto.pdf). Acesso em: 10 jun. 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**. 1987. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2014.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

UNO, Kuniichi. **Hjikata Tatsumi**: pensar um corpo esgotado. São Paulo: n-1 edições, 2018.

VALÈRY, Paul. **La idea fija**. Madri: Visor, 1988.